

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

A CONSTRUÇÃO DE UM GRUPO DE IDOSAS DE BAIXA RENDA

SOBRE O EIXO DO TRABALHO: um estudo do Grupo Convivência

SABRINA TUNES FONSECA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Professor Leôncio José Gomes Soares

Belo Horizonte

2005

## ÍNDICE

### SOBRE A LINGUAGEM

### SOBRE A APRESENTAÇÃO DO TEXTO

### TEXTO CENTRAL:

CONCEITO DE VELHICE – O QUE É SER VELHO?

REFERÊNCIAS

DONA DOCHINHA – ALEXANDRINA DE SOUZA DAYRELL

COMO E POR QUE SURTIU O GRUPO CONVIVÊNCIA?

DE QUE FORMA O GRUPO CONVIVÊNCIA SE DESENVOLVEU?

QUE IDEIAS E IDÉIAS SUSTENTAM O GRUPO CONVIVÊNCIA?

QUE CONCEITO DE VELHICE ESTÁ PRESENTE NO GRUPO CONVIVÊNCIA?

QUAIS SÃO OS DESAFIOS QUE O GRUPO CONVIVÊNCIA ENFRENTA?

METODOLOGIA

ROTEIROS DE ENTREVISTA

ANÁLISE DE ENTREVISTAS

CONCLUSÕES

JUSTIFICATIVA

## INTRODUÇÃO

“Eu trabalho com promoção humana” – ela revelou-me, como se indicasse o caminho. Indiferente à fome, ao calor e ao cansaço da viagem que me levava pela primeira vez a Sete Lagoas, escutei por cerca de quatro horas uma história que mais tarde se tornaria esta dissertação. Mas é bem antes onde tudo começa, ainda na graduação.

Rogério Cunha, orientador de uma tese de doutorado sobre idosos na Bahia - o que posteriormente vim a saber -, era meu professor na disciplina Práticas de Ensino. Pela primeira vez no curso de Pedagogia, era permitida e incentivada a escolha de um estágio em educação não escolar, desde que relacionado à minha habilitação: Educação de Jovens e Adultos – EJA. Fui até o SESC - Tupinambás e deixei a carta de apresentação da universidade que dizia sobre minha intenção de acompanhar as atividades do grupo de teatro da terceira idade.

Estabeleço esse ponto como o início desta história, para não me perder num *flashback* de muitos anos e falar das minhas saudosas avós Eny e Heloísa e minhas tias Dirce, Lúcia e Clara, às quais certamente devo minha primeira construção de [velhice](#).

Quando estava finalizando o estágio no SESC, o diretor de teatro Ronaldo Boschi indicou-me para trabalhar como professora de teatro no Centro de Apoio e Convivência do Grupo Fim de Tarde - CAC, um centro para pessoas com mais de 55 anos. Foi o início de dois anos de trabalho voluntário na instituição.

Meu segundo estágio em EJA também foi com idosos. Estávamos em 2002 e parecia haver um surto de grupos de terceira idade em BH. Expliquei a Maria Amélia Giovanetti, minha então professora de Prática de Ensino, que era importante conhecer um desses centros para idosos de classe média, a título de comparação. “Mas a EJA nasceu para as camadas populares”- disse ela, um pouco contrariada com a minha escolha. Essa frase tão

esclarecedora seria mais adiante peça fundamental deste quebra-cabeça que é a vida. No entanto, eu que sempre fui algo teimosa, levei adiante meu estágio no Vitallis Spa<sup>1</sup>, ao mesmo tempo em que dava os primeiros passos como educadora de idosos no CAC.

Terminada a graduação, apresentei meu pré-projeto de pesquisa para o mestrado da FAE/UFMG, tendo por tema os idosos do CAC e como minha torcida as alunas do grupo de teatro, cujas idades variavam entre 70 e 83 anos. Uma vez aprovado, Leôncio Soares prontificou-se a orientar esta nau que pretendia desbravar águas nunca dantes navegadas naquela faculdade. Numa de nossas primeiras reuniões, se não a primeira, comentou sobre a mãe de seu colega, Juarez Dayrell, e sugeriu que eu a entrevistasse a fim de trocar idéias sobre o tema. “É uma senhora de idade, desenvolve um trabalho com velhos, em Sete Lagoas, muito interessante” – justificou. Tal sugestão se repetiu praticamente em todos os demais encontros do ano de 2003. Mas apenas em novembro, quase dezembro, havendo completado todas as [minhas leituras](#) e disciplinas do mestrado, procurei por essa senhora, num ato de total desespero por não encontrar a pergunta central da minha pesquisa.

Passei três semanas tentando conseguir um horário na agenda de uma senhora que atendia pelo apelido de [Dona Dochinha](#). Eram 13h aproximadamente quando estacionei meu carro em Sete Lagoas – MG à porta de uma casa onde se lia na fachada, pintada em azul, “Grupo Convivência”. Fui encaminhada à residência de Dona Dochinha e ali ficamos ela, sua irmã doente, uma empregada e eu. Vinha de Belo Horizonte sem almoço, levava comigo um gravador da minha mãe, um computador portátil de um amigo e uma lista de perguntas de duas páginas. A conversa começou na sala, avançou para a varanda e terminou em cima da cama de um quarto de hóspedes, onde meses depois eu me alojaria durante quinze dias. Até às 17h me alimentei apenas de suas ricas palavras. Nem ela nem eu encontrávamos razões para

---

<sup>1</sup> O Vitallis foi criado por um geriatra que acreditava que o lazer e o bem estar social auxiliavam nos tratamentos de saúde. Em 2002, já sob nova direção, o Vitallis era um clube e spa freqüentado especialmente por idosos das camadas médias e altas da sociedade belorizontina. Dentre as atividades e cursos oferecidos estavam: grupo de oração, dança de salão, hidroginástica, ginástica localizada, yoga, reiki, shiatsu, estética corporal e facial, hidroterapia, RPG, serviços de geriatria e os cursos de filosofia, inglês, francês, canto, violão e teclado.

interromper o que, embora não soubéssemos naquele momento, viria a ser o início de uma profunda e frutífera amizade.

Saí às pressas de Sete Lagoas, preocupada em chegar a tempo na *Escuela*, onde me esperavam meus alunos de Espanhol. Ao longo da estrada pensava sobre aquele encontro. Sentimentos de entusiasmo e angústia me acompanhavam. Faltavam apenas dois meses para a entrega do projeto final e passava por minha cabeça mudar radicalmente de rumo, o que significaria reescrever tudo. Oscilei mais umas semanas entre um projeto e outro. Conversei com professoras que admirava, como Inês Teixeira e Maria Amélia Giovanetti, e também com meu paciente e compreensivo orientador. Por fim, a escolha se fez com base numa sedutora intuição e num forte argumento: o Grupo Convivência era um projeto social, sem fins lucrativos, que atendia ao original público da EJA, ou seja, à população de baixa renda, além de dar ênfase ao trabalho remunerado, característica incomum em centros de idosos.

Solicitei a autorização da diretora do grupo, Alexandrina de Souza Dayrell, a Dona Dochinha, e reescrevi em um mês meu projeto de pesquisa, que foi aprovado sem restrições.

Meu objetivo? Compreender a constituição de um grupo de convivência de idosas de baixa renda que, através do trabalho e do lazer, visa educar para o envelhecimento. Isso significava infiltrar-me em atividades e documentos do grupo para captar o máximo possível dos seus 18 anos de existência.

Para começar, muni-me de cinco perguntas, às quais fui respondendo ao longo da pesquisa:

1. **Como e por que surgiu o Grupo Convivência?**
2. **De que forma o Grupo Convivência se desenvolveu?**
3. **Que ideais e idéias sustentam o Grupo Convivência?**
4. **Que conceito de velhice está presente no Grupo Convivência?**
5. **Quais são os desafios que o Grupo Convivência enfrenta?**

Para encontrar as respostas, fui aos poucos descobrindo os melhores modos. Quase instintivamente segui o conselho do professor Rogério Cunha, a quem havia entregado meu pré-projeto para uma apreciação informal tempos atrás. “Misture-se aos idosos, você é muito jovem, está distante da realidade deles, você precisa conhecê-los de perto para não ficar falando de estereótipos, conviva com eles, se possível, dentro e fora do Grupo”- sugeriu-me sabiamente.

Comecei a frequentar Sete Lagoas uma vez por semana, às quartas-feiras, entre 12h e 17h, desde abril de 2004. No princípio, tive a sensação de estar perdendo tempo. Eu apenas ia. Levava um caderno e não anotava nada. Passava as tardes de quarta por conta de Dona Dochinha. Não preparava nada.

Nas primeiras semanas fizemos um *tour* pelas instalações do grupo. Rapidamente aprendi a dirigir por Sete Lagoas. Visitei a fábrica de tempero, o restaurante em construção, a antiga e a nova sede, cada unidade em um bairro diferente. Dentro do carro, a caminho de um lugar ou outro, conversávamos informalmente sobre tudo – vida, religião, velhice, trabalho social, família e também sobre o Grupo Convivência. Era o momento ideal, a rara oportunidade de estar só com uma senhora tão popular na cidade.

Levei tempo até começar a entender qualquer coisa. Os tantos casos que ouvia eram como peças de uma existência, displicentemente espalhadas sobre uma mesa. Aos poucos os fatos foram-se encaixando e pude ter uma noção do todo. Tudo se deu, no entanto, tão lentamente como o envelhecer. Cada dia era para mim um dia a mais e um dia a menos. Às vezes voltava para casa com uma nova informação, às vezes mais, às vezes não. E o que não parecia pesquisa foi-se tornando minha [metodologia](#). Eu me fiz parte da vida de uma senhora e da vida de um grupo e, na convivência do dia-a-dia, fui dando voz às respostas que procurava.

Andando sempre com Dona Dochinha, sendo até confundida como neta, me fiz conhecer. E conforme as pessoas me viam ajudá-la em pequenos trabalhos e sentiam a constância da minha presença, nada invasiva, pois não palpitava sem ter sido solicitada, tornei-me uma espécie de mão-de-obra disponível. Inicialmente me confiavam pequenas tarefas como dar recados e caronas, entregar coisas, levar tapetes para BH, buscar retalhos de malha em algumas fábricas, etc. Até que surgiu uma grande e importantíssima tarefa que me vincularia ao grupo de forma definitiva.

Era 14 de maio de 2004, uma sexta-feira. Algumas vezes acontecia eu ir a Sete Lagoas mais de uma vez na semana ou mesmo mudar o dia, devido a atividades do grupo. Havia poucos meses, juntara-se ao grupo, como voluntária, a socióloga Valéria Galvão. Naquela tarde abafada, ela adentrou a sala da casa de Dona Dochinha, esbaforida, com uns papéis em mãos. Ao me ver ali disse algo como: “Graças a Deus você está aqui, estou precisando de um favor seu desde quarta-feira”. Entregou-me um projeto do grupo que seria enviado à instituição Cáritas Brasileira<sup>2</sup>, com o objetivo de angariar recursos e disse: “Leia e me dê sua opinião, eu fiz correndo para entregar agora à tarde e não sei se está bom”. Dona Dochinha reforçou o pedido: “Ô, minha filha, ajuda a gente, esse projeto é muito importante, nós estamos precisando de verbas”. Sentei-me numa cadeira da varanda e dediquei alguns minutos à leitura de umas quatro páginas, pensando, constrangida, em como eu poderia ajudar sem nunca ter feito um projeto desse cunho na vida. Minha única experiência com projetos havia sido a do mestrado e aquilo era tão diferente: falava de custos, despesas, contrapartida.

O texto me pareceu algo confuso. Havia muitas propostas para financiar com apenas R\$20.000,00. Discutimos sobre as prioridades do grupo e concluímos que era preciso enxugar o projeto de forma a direcionar a verba para as oficinas já existentes, que logo estariam inoperantes por falta de material. Isso daria trabalho e demandaria tempo, coisa de que não

---

<sup>2</sup> Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –CNBB – responsável por administrar os recursos arrecadados pela Campanha da Fraternidade.

dispúnhamos. Prorrogamos a entrega do projeto de sexta para segunda-feira, ou seja, ganhamos o fim de semana para reescrevê-lo. Regressei a Belo Horizonte com o roteiro da Cáritas sobre projetos, oferecendo-me para estudá-lo no sábado e retornar, no domingo, a Sete Lagoas, onde eu ficaria até segunda-feira, data da entrega. Eu sinceramente não fazia idéia do tempo que necessitaria para essa tarefa.

Domingo, 16 de maio, cheguei a Sete Lagoas na hora do almoço. Começamos o trabalho por volta das 15h e fomos até às 22h, quando saí para jantar. Recomecei sozinha às 2h da madrugada e parei para dormir às 5h da manhã. Acordei às 7h e prossegui até às 16h. No total, levei 19h para entender como funcionava cada oficina, para escrever um breve resumo da história do Grupo e para fazer um levantamento de todos os materiais necessários, das quantidades gastas por produto, dos bens que o Grupo possuía e dos bens de que o Grupo precisava. As informações vieram de várias fontes: de um antigo projeto que fora enviado para uma instituição espanhola, da própria Dona Dochinha, da socióloga Valéria Galvão, da ex-coordenadora da oficina de pano de prato, Maria das Graças Nogueira de Almeida, e também da coordenadora da oficina de tapetes, Hilza Mello.

Abro parênteses neste relato para esclarecer que o Grupo Convivência, no período desta pesquisa, passava por um momento de crise e reorganização estrutural. Algumas oficinas haviam terminado, outras foram temporariamente suspensas, a diretoria acabava de ser retomada por Dona Dochinha, vários voluntários tinham se desligado do Grupo e outros chegavam. Esse quadro instável, aparentemente desfavorável para uma pesquisa, não só me possibilitou encontrar lacunas e buscar sugestões para corrigir deficiências, como me impediu de idolatrar um projeto que, desde o primeiro momento, me cativou. Não obstante, a finalidade desta pesquisa não está em criticar, julgar ou expor erros, mas sim em apropriar-se do que essa experiência inovadora tem a acrescentar e apontar caminhos para futuros trabalhos com idosos.

Continuando a história, a Cáritas Brasileira aprovou o projeto que ajudei a reescrever e, como disse antes, tal acontecimento me vinculou ao Grupo definitivamente. Por um lado, tornei-me mais uma voluntária desse trabalho social e, por outro, passei a ser detentora de uma gama de informações que praticamente nenhum dos integrantes do Grupo possuía. Obtive uma noção de cada parte e também do todo, e com isso minha pesquisa foi tão beneficiada quanto o Grupo.

O dinheiro do projeto seria empregado na compra de matéria-prima para o funcionamento das oficinas já existentes e na prestação de serviço da psicopedagoga Vanusa Fonseca Dias Batista, profissional com experiência em associações filantrópicas, que ajudaria o Grupo no tocante às burocracias desse tipo de instituição.

Continuei indo a Sete Lagoas semanalmente e acompanhando as atividades do Grupo Convivência até a primeira semana de julho, quando entrei de férias em meu trabalho e passei quinze dias hospedada na casa de Dona Dochinha. Dessa vez eu fora equipada para as entrevistas que pretendia fazer. Levei comigo uma câmera digital, um computador portátil e um [roteiro](#) com vinte e uma perguntas. Devido a meus conhecimentos sobre o Grupo e a minhas primeiras conclusões sobre a realidade das idosas que dele fazem parte, foi fácil saber o que queria perguntar, mas difícil formular as perguntas que não as induzissem às respostas. Tomei o máximo de cuidado para não usar as típicas expressões com as quais identificamos os mais velhos, tais como: ‘senhora’, ‘idoso’, ‘terceira idade’, ‘dona’. Meu objetivo era observar se elas se autotranscreviam com alguma dessas palavras. Tentei fazer com que as perguntas ficassem o mais vagas e gerais possível para não dar espaço a respostas simples como ‘sim’ ou ‘não’. Para me manter ciente do que estava tentando investigar, escrevi em meu roteiro, debaixo de cada pergunta, qual era minha intenção, qual hipótese eu estava tentando confirmar ou negar. Troquei idéias com meu orientador, que me sugeriu algumas perguntas importantes em que as entrevistadas falariam de outras pessoas. Isso provavelmente as

deixaria mais confortáveis e ainda me revelaria o que elas mesmas pensam a respeito do Grupo.

Em teoria estava tudo pronto e perfeito, e eu não era capaz de prever nenhum contratempo. Entrevistaria uma senhora de cada atividade, de preferência a que estivesse no grupo há mais tempo. Não mais entrevistaria as coordenadoras, como havia proposto no meu projeto de pesquisa, porque apenas uma delas estava atuando no grupo e as demais haviam se desligado há alguns meses. Além disso, já contava com informações obtidas em conversas informais com duas delas e com outros componentes do grupo.

Também justifico minha opção no fato de haver percebido, no Grupo como um todo, um certo desconhecimento do idoso com o qual estava lidando. Às vezes, era possível identificar, naquele espaço aparentemente privilegiado, o mesmo despreparo da nossa sociedade ao tratar as pessoas de mais idade. Concluí que esta pesquisa traria mais frutos se ajudasse a dar voz aos idosos e possibilitasse, ainda que minimamente, uma melhor compreensão destes.

Lembrei-me de outra questão importantíssima, levantada pelo professor Rogério Cunha, com a qual questionou minha escolha por estudar uma instituição em vez de sujeitos. Somente agora posso responder a ela com alguma propriedade. Aprendi que as instituições, em si, não existem. Existem os sujeitos que as constituem. Entendi, ao longo da pesquisa, que, ao estudar o Grupo Convivência, estaria estudando as pessoas que dele fazem parte. Aprendi também que a forma como os sujeitos se organizam diz muito sobre quem eles são e como eles pensam. A instituição que me dispus a pesquisar foi idealizada por uma pessoa de idade e para pessoas de idade. Para compreender a constituição desse grupo de convivência de idosos, aproximei-me do que seus integrantes acreditam ser a velhice, do que significa para eles estar numa idade avançada e de como a nossa sociedade poderia organizar-se para atender às suas demandas.

As entrevistas ajudaram nessa aproximação, mas não tanto quanto eu supunha. Uma de suas limitações foi a amplitude das perguntas. Embora proposital, essa característica da entrevista causou um certo desconforto nas entrevistadas. Elas se sentiram inseguras por não terem a certeza de que entenderam o que estava sendo perguntado. E de fato, muitas vezes as respostas eram insuficientes ou fugiam totalmente à questão e eu era obrigada a refazer a pergunta. Ao tentar explicar o que eu queria saber, algumas vezes incorri no erro de induzir a resposta e, independentemente disso, o ato de reformular as questões causava nelas a sensação de que não tinham capacidade para entender. Era como fazer aflorar a baixa estima que carregavam por serem negras ou pobres ou sem estudo ou tudo isso ao mesmo tempo. Confesso que essa situação foi bastante desconfortável, embora igualmente elucidativa no tocante a alguns comportamentos por mim observados durante suas atividades no Grupo Convivência. Esta era uma das batalhas ligadas ao envelhecimento, mas não exclusivamente a ele, que as idosas precisavam vencer: o acreditar-se menos.

Amenizei da forma que pude o desconforto da entrevista. Falei um pouco mais sobre mim, sobre a pesquisa, usei uma pitada de humor para relaxarem, deixei-as à vontade para contar casos e servir café, elogiei a disposição delas para viver e enfrentar desafios e agradei inúmeras vezes a paciência que tiveram de passar quase três horas sentadas diante de uma câmera e uma quase-estranha, falando e pensando sobre uma série de coisas que elas não sabiam de todo para quê.

Para minha sorte (e delas também), na última hora optei por entrevistar duas senhoras de cada atividade, simultaneamente, na intenção de economizar tempo e ganhar mais informações. Assim elas puderam apoiar-se, ao longo da entrevista, e, quando se sentiam algo acuadas, não estavam sozinhas, defendiam-se, completavam-se ou contradiziam-se. Observei, contudo, que as entrevistas em dupla também têm suas desvantagens, porque, em

determinados momentos, a presença da colega pode inibir, ou porque uma naturalmente fala mais que a outra, ou porque têm opiniões diferentes e não querem criar polêmica.

As [entrevistas](#) envolveram seis idosas ligadas ao Grupo Convivência: duas senhoras que trabalham na fábrica de tempero descascando alho; duas senhoras que trabalham na oficina de tapetes; a senhora que deu origem ao grupo, Dona Geroliza; e a diretora do grupo, Dona Dochinha.

As entrevistas não foram igualmente difíceis e revelaram-se muito mais ricas do que eu esperava quando fui analisá-las em profundidade. Provavelmente o meu perfeccionismo, aliado à minha inexperiência como pesquisadora, tenham me levado a acreditar que tudo sairia tão certo como  $2 + 2 = 4$  e que, sem esse resultado, nada poderia ser aproveitado. Apesar de todas as imperfeições e até mesmo por causa delas, aquelas declarações tinham muito a acrescentar. É bem verdade que aprendi muito mais com a observação participante; contudo, julgo ter sido enobrecedor ouvi-las dizer o que eu tinha sido capaz de descobrir pela convivência e, fundamental, escutar os tesouros que elas ainda guardavam consigo.

Gravar esse nosso momento de aprendizagem em forma de som e imagem foi para mim uma exigência. Inicialmente, pedi licença às entrevistadas para que me permitissem usar a filmadora como instrumento de apoio à memória. Ao ver a beleza do material e notar o interesse de amigos e familiares em assistir àquelas declarações, decidi pedir autorização para editá-las em DVD e colocá-las nesta dissertação. Afinal de contas, transcrevê-las seria perder em média 50% de seu conteúdo. Como atriz e diretora de teatro, penso que os olhares, entonações de fala, pausas e risadas dizem tanto quanto as palavras e podem até mesmo dizer o que elas omitem. Através das filmagens, meus leitores tornam-se também espectadores e acredito que, como tais, ganham mais autonomia para complementar ou criticar minha análise.

A última entrevista realizada foi a de Dona Dochinha, quer dizer, a última filmagem, afinal, meu primeiro encontro com ela, conforme contei nas primeiras linhas desta dissertação, foi uma entrevista de horas, gravada apenas em fita k-7. Não foi uma escolha deixá-la para o final, mas sem dúvidas foi uma bênção! Eu estava muito mais preparada e acho que consegui registrar grande parte das idéias dessa mulher tão além de seu tempo. Senti-me muito à vontade ao fazer-lhe perguntas fortes, como ‘Tem medo da morte?’ ou ‘Você não está na idade de descansar?’. Eu sabia que ela não se ofenderia, pois já nos conhecíamos o suficiente para ter a liberdade de dizer tudo.

Essa empatia entre nós se deu desde o primeiro encontro e ampliou-se com a minha estada em sua casa. Nos primeiros sete dias, acompanhei toda a sua agitada rotina, minuto por minuto. Fomos à missa, ao salão de beleza, às atividades do Grupo Convivência, visitamos a periferia de Sete Lagoas e convidamos as idosas a participar das oficinas na nova sede, resolvemos problemas do Grupo, trocamos idéias sobre o envelhecer, contamos casos de toda ordem, almoçamos juntas, lanchamos juntas, dormimos no mesmo horário. Aos meus 28 anos de idade, tive a rara e maravilhosa experiência de viver a vida de uma senhora de 87 anos. Não era nada entediante, ao contrário do que a maioria das pessoas possa pensar, não me lembro de ter ficado parada um só instante. Ela parecia ser incansável e, quando lhe perguntava como dava conta de tanta coisa, ela me dizia sorrindo: “Não me canso porque estou feliz, fazendo aquilo de que gosto”.

Acreditava que nada mais nessa mulher me surpreenderia, até que, um dia antes de dar uma palestra no Colégio Regina Pacis em comemoração ao Dia das Avós, Dona Dochinha sentiu-se mal. Toda a sua força e vigor desapareceram. Acordou com uma cor amarelada, falava pouco, tinha o semblante preocupado. Dois filhos logo apareceram e sugeriram que fosse naquele mesmo dia para BH fazer uns exames. Ela não aceitou, disse que ficaria para a palestra do dia seguinte e então iria. Ofereci-me para ajudá-la a preparar a fala e nos sentamos

frente ao computador. Fiz um monólogo a maior parte do tempo, ela apenas sorriu e me disse: “você sabe exatamente o que dizer, quero que você vá comigo e fale em meu nome, acho que não vou dar conta, tô me sentindo muito fraca”. Devido ao seu debilitado estado de saúde, muitos foram os que pediram para que ela cancelasse a palestra, mas ela estava convencida a ficar.

No dia seguinte, Dona Dochinha amanheceu como se nada tivesse acontecido. De bom humor e cheia de vida, essa encantadora senhora arrumou-se como para uma festa. Quando lhe perguntavam como estava passando, respondia fagueira: “Estou ótima!”. Quase ninguém acreditava que estivesse tão bem. Sondavam-na: “Você tem certeza que quer ir? Você pode desistir, eles irão entender!” Até mesmo a diretora do colégio ligou para liberá-la do compromisso. De longe a ouvi responder contrariada: “Isso não é sacrifício, é o que me anima a viver!”.

Nem era preciso dizer que a palestra foi emocionante e que, embora tenha me feito falar, não precisava de ajuda alguma. Naquele mesmo dia ela partiu para BH, sem saber que estava com câncer e que só retornaria sete meses depois. Fiquei mais uma semana em sua casa, ganhei até cópia da chave. Aproveitei sua ausência para dar início às entrevistas e me aproximar mais das idosas que trabalhavam no Grupo.

Retornei a BH e, durante as duas últimas semanas de julho de 2004, estive ocupada com a coordenação da escola de Espanhol onde trabalho. Não tive tempo para ver as gravações, nem para começar a escrever. Tinha notícias de Dona Dochinha, sabia que ela estava se tratando com acupuntura e homeopatia, mas que ainda estava fraca. O câncer não havia sido descoberto até então.

O semestre letivo estava começando e eu tinha muito trabalho na escola em agosto e setembro. Adiei as atividades do mestrado sem saber que logo adiante o cronograma seria novamente alterado por sérios motivos de saúde.

Em 19 de setembro de 2004, meu pai é internado no Hospital Madre Teresa com pneumonia e derrame na pleura. Passei quase trinta dias afastada de tudo, dormindo praticamente todas as noites no hospital. Duas semanas após sua recuperação, em princípio de novembro, recebi a notícia de que Dona Dochinha estava com câncer no intestino e sofreria uma intervenção cirúrgica dentro de sete dias. Não tive dúvidas, deixei o mestrado de lado e me dediquei a essa pessoa tão especial que merecia não menos que todo meu tempo e cuidados.

Foram três cirurgias em apenas um mês e meio. Tive medo de que ela não sobrevivesse à brutalidade das anestésias, cortes, exames e remédios. Estive ao lado dela o máximo possível, tentando não ocupar o espaço da extensa família. Passei alguns períodos cuidando dela no hospital, alternando-me com filhos e netos. O relacionamento de pesquisadora e sujeito da pesquisa, que há muito havia sido superado, passava então de relacionamento de avó e neta para relacionamento de mãe e filha. A convivência nessa fase difícil nos deu tanta intimidade que nos fez parentes pelo coração. Vivenciamos juntas duras lições sobre o medo da morte, sobre a coragem, sobre a luta pela vida, sobre as limitações físicas, sobre a paciência, sobre a fé.

E mais uma vez, quando eu pensava estar afastada do mestrado, por não estar seguindo o cronograma, por não ter iniciado a escrita e por não estar analisando documentos, gravações ou fazendo novas leituras, eu me vi mergulhada no meu “objeto” de pesquisa: a compreensão de como vive a velhice a senhora que idealizou o Grupo Convivência, pois é com base nessa visão de envelhecimento que está fundamentada toda a estrutura desse grupo de idosas de baixa renda.

Em meados de dezembro, as coisas já haviam se acalmado e parecia que a pesquisa estava livre de imprevistos. Por sugestão de meu orientador não deixei para começar a

escrever em janeiro de 2005, como pretendia. Entre uma atividade e outra de fim de ano, fui tecendo as primeiras linhas dessa teia de experiências tão humanas quanto científicas.

Como nunca fui dada ao lugar comum, às coisas já exaustivamente experimentadas, quis construir uma forma que não deixasse de lado a parte mais humana deste trabalho científico. Resumi-lo a dados e [conclusões](#) e omitir como tudo começou, emoções, pessoas que me ajudaram a trilhar o caminho das pedras, imprevistos, aprendizagens do dia-a-dia da pesquisa, dificuldades, improvisos, meu amadurecimento como pesquisadora e como ser humano, era roubar dos meus leitores a oportunidade de entender como eu cheguei até aqui.

Nas dissertações que li antes de começar o mestrado, os pesquisadores não se apresentavam, não falavam da bagagem que possuíam antes de iniciar o trabalho. Não contavam sobre o fazer da pesquisa, o dia-a-dia do aprendiz de mestre. Também não me deram pistas de que uma pesquisa é não mais que vivência supostamente controlada, analisada e documentada. Eu queria ter sabido mais sobre quem eram os pesquisadores que li, se se sentiram tão perdidos quanto eu ao iniciarem os trabalhos, ou se tinham plena noção do que estavam fazendo. Será que eles criaram vínculos com as pessoas do lugar onde realizaram suas pesquisas? E será que isso também os levou a não fazer distinção entre vida e pesquisa?

Sempre tive a sensação de que a pesquisa era fria, teórica, isolada de tudo o que considero vida. O pesquisador estuda uma porção de normas, metodologias, sai de casa, vai até o local da pesquisa, observa, anota, dialoga com os autores da área e, depois de pegar todos os dados que lhe interessam, volta para casa, põe tudo no papel, fundamentando cada conceito que usa com base no que alguém já disse, e, finalmente, mostra o resultado para uma banca examinadora. Depois de aprovado, o mestre guarda um exemplar das suas conclusões numa das prateleiras da biblioteca e ponto final.

Sinceramente, fazer esta pesquisa para mim foi muito mais que isso. Ela foi gente, ela foi uma abertura para o desconhecido, ela foi relacionamentos, ela foi emoção, ela foi lição de

vida, ela foi mudança de conceitos, ela foi dúvidas, ela foi sacrifício, ela foi alegria e prazer, ela foi vida. E falar sobre o que eu vivi, para além dos dados que coletei, é expor o meu aprendizado para futuros aprendizes, é mostrar não só o ponto de chegada mas o ponto de partida e também um pouco do caminho.

Realmente espero que este material seja útil para o Grupo Convivência, para colegas da área de educação de idosos, para pesquisadores iniciantes, para pessoas interessadas no tema, ou seja, espero que a minha experiência esteja acessível a qualquer um ou eu não seria capaz de encontrar [justificativa](#) para tanto trabalho.

[Voltar ao índice](#)

## DONA DOCHINHA – ALEXANDRINA DE SOUZA DAYRELL



FIGURA 7 – Dona Dochinha

1917 – Nasce, em 16 de setembro, em Jequitaiá, norte de Minas Gerais, onde estuda até o quarto ano na única escola da cidade, Escola Mestre Luciano Cardoso de Souza, fundada por seus pais.

1930\* \_ Vai para Montes Claros estudar.

1935 – Forma-se como Normalista pelo Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros.

1939 – Casa com Geraldo Martins Dayrell, em 30 de julho e muda-se para Várzea da Palma, Minas Gerais.

1940 – Nasce sua filha Dilma, em 11 de maio.

1942 – Nasce sua filha Dilza, em 09 de abril.

1942 – Devido a um incêndio que queimou toda a loja do marido, muda-se para uma fazenda perto de Várzea da Palma, onde improvisa uma escola rural e dá aulas para as pessoas da região, inclusive para seus filhos.

1943 – Nasce seu filho Eustáquio, em 11 de novembro.

1945 – Nasce seu filho Milton, em 18 de outubro.

1947 – Nasce seu filho Geraldo, em 17 de setembro;

- 1949 – Retorna a Várzea da Palma e é convidada pela Escola Estadual Joaquim de Paula Ferreira para inaugurar a 4<sup>a</sup> série.
- 1949 – Nasce sua filha Ondina, em 03 de agosto.
- 1950 – Nasce seu filho Luciano, em 07 de setembro.
- 1950 – Muda-se para Sete Lagoas para que os filhos possam estudar, em 10 de dezembro.
- 1953 – Nasce seu filho Carlinhos, em 09 de março.
- 1955 – Nasce seu filho Juarez, em 30 de novembro.
- 1958 – Nasce seu filho Paulinho, em 24 de maio.
- 1959 – Eleita “Mãe Setelagoana” pelo Rotary Clube.
- 1961 – Nasce sua filha Anginha, em 05 de dezembro.
- 1965/66 – Muda-se para Belo Horizonte, para a casa onde os filhos mantinham uma república mista de estudantes.
- 1970\* – Retorna a Sete Lagoas.
- 1972 – Fica viúva em 06 de novembro.
- 1981 – Vai para Belo Horizonte estudar Yoga e fazer cursos de alimentação natural.
- 1982 – Morre seu filho Geraldo em janeiro.
- 1985 – Volta para Sete Lagoas; passa a dar aulas de Yoga para idosas; conhece Geroliza.
- 1986 – Funda o Grupo Convivência, aos 69 anos de idade.
- 1992 – Participa, como expositora, do Congresso Brasileiro de Psicologia da Comunidade e Trabalho Social em Belo Horizonte, Minas Gerais.
- 1995 – Participa, como personagem central, do programa “Gente que Faz”, realizado pelo Banco Bamerindus e transmitido pela Rede Globo de Televisão.

Como membro do Conselho Municipal de Assistência Social, participa da primeira conferência realizada por este Conselho.

Recebe o título de Cidadã Honorária de Sete Lagoas.

1997 - Participa, como expositora, do Congresso Internacional *Uma sociedade para todas as idades*, do Movimento Humanidade Nova, em Rimini, Itália, patrocinado pela ONU.

1999 – Participa do evento de abertura do Ano Internacional do Idoso, em Brasília.

2001 – Recebe da Associação Comercial e Industrial de Sete Lagoas a Medalha de Reconhecimento Comendador Avellar.

Ganha o primeiro lugar no Prêmio Banco Real Talentos da Maturidade, na categoria Programas Exemplares.

2003 – Participa, como convidada do Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, da solenidade de assinatura do Estatuto do Idoso, juntamente com a então presidente do Conselho Nacional do Idoso.

2004 – Participa da edição do programa Globo Repórter sobre idosos, transmitido pela Rede Globo de Televisão.

2006 – Completará 20 anos de trabalho social em prol do idoso setelagoano de baixa renda através do Grupo Convivência.

\* Datas estimadas.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## JUSTIFICATIVA

O meu interesse pelos idosos teve a ver, num primeiro momento, com os meus familiares de mais idade. Os velhos com os quais convivi foram – e alguns ainda são – muito ativos em suas velhices e, desde sempre, construíram no meu imaginário uma identidade de idoso da qual fazem parte o trabalho, o merecido descanso, o lazer, a educação e uma farta experiência de vida. O que eu não sabia, entretanto, é que se tratava de velhos privilegiados, não tanto pelas oportunidades que tiveram ou pela condição socioeconômica, mas sim pela forma de se relacionarem com o envelhecimento.

O filósofo, jurista e político romano Marco Túlio Cícero já tinha conhecimento disso em 44a.c. Em seu texto *Saber Envelhecer*, ele escreve um suposto diálogo entre Catão – o antigo censor de Roma – e os jovens Cipião e Lélío. Quando esse último questiona se o poder, a riqueza e o prestígio de Catão não tornam sua velhice mais suportável que outras, o censor responde: “Há verdade no que dizes, Lélío, mas isso não explica tudo. Na extrema indignação, mesmo o sábio não poderia considerá-la leve; quanto ao imbecil, ele a julgará pesada mesmo na riqueza.”

Norbert Elias (1983), em *Envelhecer e Morrer*, também comenta que a relação com o envelhecimento é uma experiência pessoal. “A maneira como as pessoas dão conta, quando envelhecem, de sua maior dependência dos outros, da diminuição de sua força potencial, difere amplamente de uma para outra. Depende de todo o curso de suas vidas e, portanto, da estrutura de sua personalidade”.

A minha opção pelo idoso deu-se, em definitivo, a partir de uma oportunidade de trabalho com esse segmento, como professora de teatro. Durante aproximadamente dois

anos, dei aulas de interpretação para um grupo de senhoras em um centro de convivência, no bairro Gameleira, em Belo Horizonte. De um convite casual e um aceite ingênuo, esse trabalho tornou-se o meu objetivo dentro do campo da educação.

Escrevi o meu pré-projeto para o mestrado situando a pesquisa no meu então local de trabalho: o centro de convivência CAC. É um centro que atende idosos das camadas média baixa e popular, realizando atividades de lazer – bingo, teatro, coral, dança – e de saúde – atendimento psicológico, massagem corporal, fisioterapia, yoga, ginástica, acupuntura, alongamento e reeducação *postural*, hidroginástica, tai chi chuan, florais – e prestando serviços como atendimento jurídico e salão de beleza. Conta também com um curso de espanhol e, mais recentemente, numa parceria com a Acadepol e o Hospital Mario Pena, criou-se a Universidade da Sabedoria Social, com o objetivo de “combater a exclusão social discutindo e elaborando princípios de convivência”<sup>1</sup>.

A história da formação do centro e a proporção que este tomou foram os aspectos que me chamaram a atenção. Era um ex-grupo do Sesi que se viu desamparado, uma vez que a instituição abriu mão do trabalho com idosos. Em busca de alternativas para não se extinguir, acabou por invadir um terreno baldio e construir um espaço que hoje conta com 6000 associados. É, no mínimo, um caso curioso, uma espécie de movimento social, uma aglomeração singular, em que percebi um grande potencial educativo.

Sua linha de atuação, contudo, pouco diferia da dos diversos centros de convivência espalhados por Belo Horizonte. Lazer e saúde são o ponto forte dos projetos com idosos. O lazer pelo lazer, pelo preenchimento do tempo livre, para entreter o idoso

---

<sup>1</sup> Informação retirada de um folheto institucional sobre a Universidade da Sabedoria.

ocioso, vem-se caracterizando como o estilo de vida mais difundido entre a terceira idade dita ‘ativa’.

Mas, o que é, afinal, ser ativo? Na nossa sociedade, atualmente, usamos esse adjetivo com diversos significados, por exemplo, para nos referirmos aos sujeitos que fazem parte do mercado de trabalho; quando estes se aposentam, entram para o grupo dos ‘inativos’. Estaria por detrás do termo ‘velhice ativa’ a imagem do sujeito com mais de 60, 65 anos que continua inserido no mecanismo de produção? Essa concepção de ‘ativo’ bastante me assusta, mas se ajusta perfeitamente aos interesses capitalistas e já tem sido proposta como solução para o problema da previdência social, em consequência da inversão da pirâmide demográfica. No Brasil a previsão é de que em 2050 haja mais idosos do que pessoas de 0 a 14 anos, segundo depoimento de Celso Simões – pesquisador do IBGE – para a revista *Época* de 11 de julho de 2005.

A 11ª edição do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, de 1979, patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura, através da Fundação Nacional de Material Escolar, de autoria do Professor Francisco da Silveira Bueno, traz como primeira acepção para o termo *ativo*, ‘que age’. Investigando o significado do verbo *agir* no antiquíssimo *Lello Universal*, um dicionário enciclopédico luso-brasileiro, escrito por João Grave e Coelho Netto, encontrei um curioso comentário:

Ruy Barbosa respondendo a Carneiro Ribeiro, disse na Réplica, a propósito d’este verbo: <<De ‘agir’ nenhuma precisão tem o idioma, que, para o mesmo efeito, dispõe de: fazer, andar, obrar, operar, actuar, proceder, portar-se, comportar-se, haver-se.>>

Poderíamos aferir que até hoje o termo *agir* e, conseqüentemente, o termo *ativo* não possuem muita precisão no nosso idioma. Dos diversos sinônimos dados por Ruy

Barbosa ao termo *agir*, apenas dois aparecem no dicionário escolar citado anteriormente – *obrar* e *atuar*. Por analogia, *ativo* seria *aquela que obra* ou *aquela que atua*. Seguindo o mesmo raciocínio, temos o verbo *obrar* como sendo *converter em obra, fabricar, produzir, construir*. E o verbo *atuar* como *dar atividade a, pôr em ação*. Assim sendo, o termo ‘ativo’ pode ser empregado ora para falar daquele que produz, ora para falar daquele que põe algo em ação.

Por extensão, ‘velhice ativa’ poderia ser compreendida como a que trabalha ou a que tem uma atividade, a que produz ou a que ocupa o tempo, a que fabrica ou a que movimenta. O projeto de política pública *Envelhecimento Ativo* da Organização Mundial da Saúde, escrito para o *II Encontro Mundial sobre Envelhecimento*, que se deu em Madri, Espanha, em abril 2002, define o significado de *ativo* como sendo:

A palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. As pessoas mais velhas que se aposentam e aquelas que apresentam alguma doença ou vivem com alguma necessidade especial podem continuar a contribuir ativamente para seus familiares, companheiros, comunidades e nações. O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, incapacitadas fisicamente, e que requerem cuidados.

A amplitude do termo *ativo* oferece-nos múltiplas opções de envelhecimento. Curiosamente, em nossa sociedade, destacam-se apenas duas formas de viver a velhice: seguir tradicionalmente no mercado de trabalho, postergando a aposentadoria ou como aposentado, ou parar de trabalhar e dedicar-se a alguma atividade de entretenimento.

Dar continuidade à vida laboral é, na maioria dos casos, uma falta de opção, uma necessidade financeira. Em 07 de agosto deste ano, no jornal *Hoje em Dia*, publicou-se a matéria “Aperto financeiro devolve sexagenárias ao trabalho” na qual Márcio Pochmann,

pesquisador e professor do Instituto de Economia da Unicamp, declara que o retorno ao mercado é mais forte entre as mulheres graças aos novos papéis assumidos por elas na sociedade. Pouco mais de um mês depois, em 18 de setembro de 2005, no jornal *O Tempo*, é publicada outra matéria com a mesma denúncia de que a aposentadoria da maioria dos idosos brasileiros é insuficiente e por isso se vêem obrigados a continuar trabalhando. O título da matéria: “Terceira idade, terceiro turno de trabalho”.

Para aqueles que têm uma condição econômica melhor existe outra opção: trocar o trabalho pelo entretenimento. A mensagem social para esses é “aproveite, pense em si mesmo, vá cuidar da sua vida, agora é sua hora, seu merecido descanso, você já fez muito, divirta-se!!!”. Gentilmente apartamos o velho da sociedade para que ele faça qualquer outra coisa. E não estamos falando de alguns anos de vida que lhe restam, mas de talvez vinte, trinta anos mais, dos 60 aos 80 ou 90 anos de idade. Mas o que fazer durante o tempo que a vida lhe conceder no exílio da velhice?

Ainda nos faltam mecanismos de inclusão do idoso na sociedade e isso gera conflito social, moral e conceitual. É o que comenta Bárbara Iwanowicz (2000), doutora em Psicologia Educacional pela Unicamp:

Um desses conflitos emerge na área de lazer em que o divertir-se em si, passear infinitamente vivendo a vida de lazer “obrigatório” sem compromissos sociais, a não ser familiares, contraria todos os indicadores psicológicos e fisiológicos que fazem parte do desenvolvimento contínuo tanto da pessoa como da sociedade como um todo. (IWANOWICZ, 2000)

Não é descartada ou menosprezada a importância das atividades de lazer desenvolvidas nos centros de convivência e em outras instituições que trabalham com idosos, como é o caso do Sesc. É certo que o lazer promove a sociabilidade, desenvolve novas habilidades e tem reflexos sobre a saúde física e mental da pessoa de idade, mas

não deveria ser a única opção de participação social. Pelo menos, não, enquanto lazer que se opõe ao trabalho.

A influência e importância do trabalho, ao longo da vida das pessoas, não podem ser excluídas das análises, nem do envelhecimento, nem do lazer.[...] A principal forma de participação na vida social é o trabalho e, como tal, transformou-se em um referencial de socialização da pessoa. Participar do processo de trabalho e das relações dele resultantes significa, hoje, viver e fazer parte da sociedade em desenvolvimento. A presença de idosos saudáveis, ativos e socialmente afastados da participação na produção social de bens, levanta a necessidade de rever os valores sociais historicamente associados à velhice e à organização social do processo de trabalho. (IWANOWICZ, 2000)

Eu ansiava por projetos mais ousados, que se atrevessem a conceber o idoso como um ser humano, completo e complexo, que não está recuperando o tempo perdido, mas sim vivenciando, em plenitude, a sua existência. Com base nas pequenas experiências que realizei com as cinco senhoras que formavam o meu grupo de teatro no CAC, encontrava grandes razões para acreditar nas potencialidades das pessoas de idade avançada.

Deparei com projetos bonitos como o de alfabetização de idosos da Coordenadoria Municipal do Idoso de Belo Horizonte, que se dá nas favelas e periferias da capital mineira, realizado por voluntários residentes nos locais e acompanhado por profissionais da coordenadoria. Também tomei conhecimento de muitos grupos de terceira idade, como o *Meninas de Sinhá*<sup>2</sup>, liderado por Valdete da Silva Cordeiro, no bairro Alto Vera Cruz, em Belo Horizonte-MG, que desenvolve um trabalho de recuperação de cantigas de roda. O programa televisivo *Dedo de Prosa*<sup>3</sup>, da TV

---

<sup>2</sup> Reportagem que conta a história do grupo na página:  
<http://www.manuelzao.ufmg.br/jornal/jornal31/meninhassinha.htm>

<sup>3</sup> Site oficial: <http://www.tvhorizonte.com.br/programa.asp?cod=6>

Horizonte (canal em UHF de BH-MG), há 5 anos exclusivamente dedicado ao idoso, também foi um meio importante de obter informações sobre as atividades com velhos.

Os projetos para a terceira idade, tal como estão formatados, certamente atendem a uma parte da demanda da população idosa, ou não existiriam. Sobre o perfil dos idosos que aderem a essas associações, Debert (1999) e Ferrigno (2003) traçam características gerais

No Brasil, os programas para a terceira idade têm mobilizado sobretudo um público feminino. A participação masculina raramente ultrapassa os 20%, e o entusiasmo manifestado pelas mulheres na realização das atividades propostas contrasta com a atitude de reserva e indiferença dos homens. Essa desproporção tem preocupado os estudiosos dos programas, que apontam, com razão os limites das explicações que se reduzem a constatar que as mulheres vivem mais do que os homens. Além disso, no movimento dos aposentados, a razão dos sexos se inverte. (DEBERT, 1999)

[...] o trabalho junto a Terceira Idade atrai pessoas de praticamente todas as classes sociais, excetuando-se os dois extremos, ou seja, idosos bastante carentes que não possuem recursos financeiros ou condições de saúde sequer para sair de casa ou, no outro extremo, idosos ricos com muitas outras opções de lazer. (FERRIGNO, 2003)

Podemos considerar raros os projetos que atendam aos homens de idade avançada, aos idosos bastante carentes ou aos idosos enfermos. São igualmente raros os centros de terceira idade que não centram suas atividades no lazer. Assim sendo, quando tive conhecimento do Grupo Convivência, soube que se tratava de um projeto ímpar. Ele não só havia sido projetado para os idosos de baixa renda como também tinha, por eixo central, o trabalho remunerado e, por objetivo final, a promoção humana.

Com uma considerável infraestrutura – um restaurante de comida natural, uma fábrica de tapetes, uma fábrica de temperos, uma produção de panos de prato, um bazar,

uma fábrica de papel, um grupo de yoga, um grupo de dança sênior<sup>4</sup>, um “banco” para empréstimos e uma sede própria –, esse projeto de Sete Lagoas, desde 1986, vem buscando coordenar trabalho, lazer e descanso e geração de renda, dentro de uma proposta de educação para o envelhecimento com fins a promover o ser humano.

Um novo projeto de pesquisa justificou-se dada a singularidade da experiência que se revelava diante de mim. Entender sua origem, estrutura e filosofia era ir à busca de um novo referencial para outros trabalhos com idosos.

Os dados do IBGE 2000 reafirmam a relevância do Grupo Convivência no contexto de Sete Lagoas. Esse município conta com 13.494 pessoas acima de 60 anos – 7,48% da população total –, dentre as quais 7.902 são mulheres e 9.009 são responsáveis pela família. Portanto, ainda que não se saiba exatamente, muitas são as mulheres com mais de 60 anos que são chefas de família.

No Brasil, tem-se tornado cada vez mais freqüente encontrar famílias cujo provedor é uma pessoa idosa. Netos menores de 14 anos e filhos desempregados – esta é uma das situações que recoloca o velho na posição de responsável pela família. A aposentadoria do idoso é muitas vezes a única renda do domicílio. Observe a TAB.1, tabela do IBGE, e veja o número de velhos que podem ser considerados “arrimos de família” no país, em Minas Gerais e no município de Sete Lagoas:

---

<sup>4</sup> Dança específica para pessoas idosas que foi criada em 1974 por pedagogos sociais na Alemanha. Mais informações: <http://www.portalbethesda.org.br/dancasenior01.htm>

TABELA 1

<b>Famílias residentes em domicílios particulares por tipo de família e grupos de idade da pessoa responsável pela família</b>					
<b>Variável = Famílias residentes em domicílios particulares (Unidade)</b>					
<b>Tipo de família = Todos</b>					
<b>Ano = 2000</b>					
<b>Grupos de idade da pessoa responsável pela família =</b>					
<b>Brasil, Unidade da Federação e Município</b>	<b>60 a 64 anos</b>	<b>65 a 69 anos</b>	<b>1.1.1 70 a 74 anos</b>	<b>1.1.2 75 a 79 anos</b>	<b>1.1.3 80 anos ou mais</b>
Brasil	2.889.983	2.299.282	1.815.144	1.151.644	983.351
Minas Gerais	327.533	270.214	207.994	131.302	116.358
1.2 Sete Lagoas	2.899	2.329	1.846	994	941

Fonte: IBGE, 2000

[Voltar ao texto central](#)[Voltar ao índice](#)

## **METODOLOGIA**

A descrição da metodologia, bem como vantagens e desvantagens das técnicas utilizadas, encontra-se ao longo desta dissertação. Cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa de campo, qualitativa, na qual optou-se pela observação participante, pelas entrevistas semi-estruturadas e pela análise de documentos (estatuto, fotos, registros oficiais, reportagens, vídeos, projetos, fichas de cadastro, textos de autoria da diretora do grupo). A coleta de dados teve a duração de quase um ano, em forma de encontros semanais de aproximadamente cinco horas e uma temporada de quinze dias consecutivos, dedicados exclusivamente a compartilhar as atividades e os sentimentos do grupo, com especial atenção à sua dirigente. Atuei como observadora ativa, revelada e informal, em constante troca de informações com as pessoas, a fim de promover mudanças benéficas para o Grupo.

Na intenção de compreender a construção de um grupo de idosas que, com uma trajetória de aproximadamente vinte anos, estabeleceu-se como uma associação filantrópica comprometida com a promoção humana, educando pessoas de idade avançada através do trabalho remunerado e do lazer, vejo a pesquisa qualitativa como a mais adequada. Afinal, “[...] os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”.(HAGUETTE, 1987, p.63)

Embora tenha optado pela observação participativa, reconheço alguma afinidade com a pesquisa-ação e a pesquisa-participante no tocante à intervenção deliberada do pesquisador, à falta de neutralidade e ao:

princípio ético de que a ciência não pode ser apropriada por grupos dominantes conforme tem ocorrido historicamente, mas deve ser socializada, não só em termos do seu próprio processo de produção como de seus usos, o que implica a necessidade de uma ação por parte daqueles envolvidos na investigação (pesquisador e pesquisado) no intuito de minimizar as desigualdades sociais nos seus mais variados matizes (desigualdades de poder, de saber etc.). (HAGUETTE, 1987, p.109)

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## **QUAIS SÃO OS DESAFIOS QUE O GRUPO CONVIVÊNCIA ENFRENTA?**

Podemos estabelecer três grandes desafios para o Grupo Convivência, que facilmente se aplicariam a qualquer outro projeto social, a saber:

### **a) A filosofia**

Como fazer com que a equipe de colaboradores do projeto – contratados ou voluntários – absorva e pratique a filosofia proposta por Dona Dochinha? Essa filosofia não está escrita, mas implícita nas ações e nos pensamentos dessa senhora. Este pode ser considerado o mais sério de todos os problemas do Grupo Convivência, afinal, o projeto, na ausência de Dona Dochinha, muito provavelmente tenderia a desvirtuar-se ou mesmo terminar.

Numa visita ao *Salão do Encontro*<sup>1</sup>, um projeto social dirigido a famílias de baixa renda, sediado em Betim-MG, Dona Noemi Gontijo, sua idealizadora, revelou ser essa uma questão que também a aflige. Quem serão os herdeiros desses grandiosos projetos sociais? Estarão preparados para liderá-los com a mesma maestria que suas fundadoras? Haverão interiorizado a proposta de ação dessas encantadoras mulheres?

Pelo tempo de atuação do Grupo Convivência, quase 20 anos, e o nível de incompreensão dos participantes no tocante à filosofia do projeto, temo que não seja uma tarefa nada fácil. O grupo, embora construído sobre o eixo do trabalho, não pretende ser uma instituição empregadora, mas sim uma associação educadora.

---

<sup>1</sup> Mais informações no *site* oficial: <<http://www.caleidoscopio.art.br/salaodoencontro.htm>>

Disseminar uma nova cultura, desafiar os modelos sociais pré-estabelecidos e nutrir constantemente a atitude positiva diante do envelhecimento é a proposta educativa do projeto de Dona Dochinha.

Além disso, a educação gerontológica<sup>2</sup>, que o Grupo Convivência promove por meio do trabalho, do lazer e da alimentação, precisa alcançar não apenas os idosos que participam do projeto mas também seus familiares, sua comunidade e todos os adultos e jovens que atuam no projeto. Sua ação educativa compara-se ao efeito de uma pedra que é lançada nas águas tranqüilas de um lago: ela abre passagem, deslocando uma porção de água, e, a partir daí, forma-se um anel de ondas transversais, de raio progressivamente maior, capaz de agitar todo o lago até a sua borda.

No caso da pedra, quanto maior o seu tamanho, maior a perturbação que causará nas águas do lago. No caso do Grupo Convivência, quanto mais coeso, maior força de atuação terá, com maiores possibilidades de promover a transformação do seu entorno. Assim sendo, para ampliar o sucesso desse projeto social, faz-se imprescindível que todo o grupo comungue da mesma filosofia e atue na mesma direção.

Dona Dochinha é consciente dessa necessidade e durante muitos anos exerceu a função de educadora, acompanhando de perto as atividades e mantendo uma comunicação constante com as idosas, coordenadoras e demais dirigentes. Ao mesmo

---

<sup>2</sup> Com base no estudo de Peterson, Cachioni (1998) apresenta indicadores que permitem conceituar a educação gerontológica como aquela relacionada ao processo do envelhecimento, ao ser velho e à sociedade que envelhece. Busca atingir a capacidade de preparar para carreiras profissionais e gerontológicas; educar cuidadores informais; promover melhor qualidade de vida aos adultos maduros e idosos, através de cursos de atualização cultural; oferecer à sociedade informações sobre o envelhecimento e a velhice; contribuir para a mudança de atitudes sociais em relação à velhice. (MARTINS DE SÁ, 2004)

tempo, ela sempre esteve dividida entre essa função e a administração do grupo – conseguir recursos financeiros e humanos, fazer pagamentos, etc. E, conforme o projeto ia crescendo e se institucionalizando, as reuniões e as conversas informais com os participantes do grupo foram cedendo lugar às demandas burocráticas de uma associação filantrópica e demais atividades administrativas. Na falta de uma pessoa capaz, constante e de confiança, Dona Dochinha foi consumindo suas energias com questões pertinentes à gestão do Grupo Convivência, enquanto instituição, e deixando de lado o que de mais precioso ela sabia fazer: educar para o envelhecimento.

Até mesmo a disposição física das unidades do Grupo prejudicou o projeto nesse sentido. O que antes estava sediado em um único ambiente – a casa de Dona Dochinha –, proporcionando que todos se encontrassem e se envolvessem de perto com os acontecimentos, dividiu-se em três unidades, localizadas em três diferentes e afastados bairros. É evidente que nada foi proposital. Simplesmente, o Grupo, em pouquíssimo tempo de existência, viu-se pressionado a ampliar suas instalações, dada a demanda inesperada. Nos terrenos disponíveis, conseguidos por doação, foram construídas as unidades. Essa situação advém da história desse trabalho social, que não foi projetado previamente, mas sim construído ao longo de sua existência, conforme as necessidades emergenciais de cada momento.

As proporções atuais do Grupo Convivência demandam uma reestruturação do mesmo, sendo parte fundamental desta uma ação educativa mais explícita, mais sistematizada. É importante que haja uma pessoa responsável por essa função, capaz de promover a educação gerontológica do grupo, elaborando estratégias específicas para cada segmento: os dirigentes, as coordenadoras, os funcionários, as tapeceiras, as

descascadeiras de alho, as cozinheiras e as crocheteiras – e articulando as partes sem abrir mão do todo.

O Grupo já está caminhando nessa direção. Nota-se o surgimento de um novo modelo de organização na atribuição das funções. Muito recentemente, em 2005, o projeto contou com a adesão de profissionais das áreas de administração, assistência social, direito e sociologia, que estão dando importantes contribuições para uma melhor gestão. Isso significa que Dona Dochinha poderá dedicar-se exclusivamente à difusão de sua filosofia. O desafio que se coloca, a partir de então, é estabelecer como se dará a prática educativa.

#### **b) O trabalho voluntário**

Como lidar com o trabalho voluntário? – esta é outra complexa questão para a qual o Grupo Convivência precisará encontrar uma resposta. Os desafios colocam-se desde como recrutar voluntários até como lhes ensinar a filosofia do projeto, como definir sua participação, seus direitos e deveres, como exigir compromisso e avaliar resultados, quando e como mantê-los ou desligá-los do Grupo e quais as funções que podem ser ocupadas por voluntários.

Na história do Grupo Convivência, o voluntariado antecedeu o momento de sua constituição. Como professora voluntária de yoga, Dona Dochinha aproximou-se da realidade das idosas de baixa renda da periferia de Sete Lagoas e constatou a existência de uma demanda por trabalho remunerado. Posteriormente, ela reuniu vinte amigas idosas para juntas fundarem o Grupo Convivência, todas voluntárias.

Distribuídas as funções de coordenação, administração, conselho e diretoria, foi dado início a esse projeto social.

O trabalho voluntário que essas senhoras realizavam tinha uma remuneração não-material: a alegria de sentir-se útil, de estar prestando um serviço. Elas eram excelentes voluntárias, pois estavam completamente motivadas, todas imbuídas da mesma filosofia, todas idosas. Isso possibilitou força e harmonia para o Grupo. Os problemas da época eram, em sua maioria, de infra-estrutura – espaço e equipamentos – e financeiros – compra de matéria-prima e alimentos.

Conforme o Grupo Convivência ia adquirindo notoriedade e credibilidade, conquistava também recursos para aprimorar suas instalações e serviços. O crescimento do projeto, contudo, não foi linear, pois havia períodos de crise financeira. Algumas delas interrompiam o funcionamento das oficinas por meses. Independente dos altos e baixos pelos quais o Grupo passava, sua equipe permanecia preservada, porque ninguém dependia financeiramente do Grupo, nem buscava uma realização profissional. Elas estavam engajadas no projeto por ideologia e as dificuldades não as desanimavam. Era questão de tempo conseguir novos recursos e retomar as atividades.

Essa dinâmica, entretanto, não durou muito tempo. As fundadoras pouco a pouco começaram a se desligar do projeto por motivos de saúde ou de falecimento. Sucessoras eram inevitáveis. As oficinas, por exemplo, não tinham autonomia suficiente para funcionar sem uma coordenação e ninguém fora previamente preparado para exercer tal função. O Grupo não possuía uma renda fixa, o que

impossibilitava contratações. Novamente, figuraria o trabalho voluntário, mas dessa vez como um problema.

Surgiram voluntários de toda ordem. Alguns interessados em experiência profissional, outros apostando em uma futura fonte de renda, e outros, ainda que munidos de boa vontade, não tinham o perfil que a função demandava. Em virtude da carência de recursos para selecionar e contratar mão-de-obra qualificada, eram aceitos todos os candidatos, sem restrições. Os problemas decorrentes foram inúmeros: incompetência profissional, despreparo para tratar com idosos, inconstância, falta de motivação, incompreensão da proposta do Grupo e desonestidade.

Armando Teodósio (2004), coordenador de Projetos Sociais de Extensão da PUC-MG, unidade São Gabriel, e mestre em Ciências Sociais, alerta para a dificuldade de administrar o voluntariado

Um ponto importante para as organizações do Terceiro Setor que pensam em adotar trabalho voluntário é refletir sobre de que natureza são seus problemas gerenciais: financeiros ou de mão-de-obra. Se a resposta são recursos financeiros, deve-se buscá-los nas fontes apropriadas. Voluntários não são uma saída para a falta de dinheiro, pois seu gerenciamento é muito mais complexo do que o gerenciamento de Recursos Humanos remunerados. (TEODÓSIO, 2004)

O problema, como podemos observar no caso do Grupo Convivência, não está no fato do trabalhador ser voluntário, mas a má utilização desse recurso humano em função da falta de verba. Teodósio (2004) comenta que os voluntários podem ser pessoas com diferentes habilidades, dando diferentes contribuições para a instituição. É preciso, contudo, saber administrar essa força de trabalho.

Outro agravante dessa situação desfavorável para a adoção do trabalho voluntário reside no tipo de serviço oferecido pelo Grupo Convivência. Não se trata apenas de uma

oficina de tapetes, é uma oficina de tapetes para idosos. Ensinar pessoas com mais de 60 anos requer o desenvolvimento de uma gerontologia educacional<sup>3</sup>. As fundadoras do Grupo talvez tenham tido mais facilidade em trabalhar com as idosas justamente porque também eram idosas e tinham como parâmetro a própria experiência com a velhice. Voluntários mais jovens e ainda sem formação especializada estariam duplamente desqualificados para o trabalho. Nesses casos, Teodósio (2004) aconselha o treinamento como forma de evitar a descaracterização do projeto, a perda de sua essência pela sua má aplicação.

Quanto mais especializado for o serviço oferecido pela instituição, maior a necessidade de profissionais remunerados. Caso não seja possível contratá-los, é necessário adotar procedimentos de treinamento bastante estruturados para repasse das metodologias de intervenção aos novos voluntários, de forma que elas não se descaracterizem ou se modifiquem ao serem praticadas/aplicadas pelos novos membros da organização.

Determinados serviços oferecidos por instituições vão exigir inclusive formação e registro profissional específicos. Nesses casos, a alocação de voluntários nas funções técnico-profissionais pode trazer instabilidade na oferta do serviço e/ou problemas em sua qualidade. Algumas ONGs chegam ao extremo de impedir que voluntários trabalhem em funções que exijam alta qualificação técnica, pois geralmente o trabalhador voluntário tem um grande comprometimento inicial, que se perde com a lida diária com problemas sociais de difícil resolução e que apresentam alterações no longo prazo. Uma característica presente na maioria das ONGs é a elevada rotatividade de voluntários. (TEODÓSIO, 2004)

Não restam dúvidas de que há limites e possibilidades dentro dessa modalidade de trabalho, como em qualquer outra. Uma cuidadosa gestão desse recurso, em equilíbrio com a mão-de-obra remunerada, é que precisa ser levada em consideração. Entretanto, no Grupo Convivência, vemos que essa administração do voluntariado se inviabiliza pelas mesmas razões de sua admissão: a falta de verba. Qualificar um voluntário gera despesas também.

---

<sup>3</sup> A Gerontologia Educacional é uma pedagogia específica para os idosos baseada no processo de aprendizagem destes.

Dona Dochinha, a única que resta das fundadoras do projeto, não conseguiria acumular mais essa função sozinha. Além disso, o risco desse investimento é mais alto pela instabilidade do trabalhador voluntário, pois são muitas as variáveis que podem levá-lo a abandonar um projeto social.

### **c) O financiamento**

A terceira e última questão que desafia o Grupo Convivência é: como captar recursos de forma eficiente? Os principais problemas são o financiamento temporário, a burocracia para captar recursos públicos e privados, as exigências na elaboração de projetos, na destinação da verba e na prestação de contas e os financiamentos parciais.

Na época em que Dona Dochinha fundou o Grupo, ainda era possível levar um projeto social de forma amadora, nos fundos de sua casa, e sair batendo de porta em porta de residências e empresas para pedir auxílio financeiro. Dona Dochinha por muito tempo fez uso de sua idoneidade e influência na comunidade setelagoana e belorizontina para conseguir doações por caridade.

Ao longo da história do Grupo, contudo, o Terceiro Setor sofreu transformações e passou a se organizar de maneira mais profissional. As associações filantrópicas foram estruturando-se cada vez mais como empresas, com exigência de títulos e qualificações, com consultoria de advogados, com impostos a pagar e com planejamentos financeiros sob o gerenciamento de contadores, etc.

As empresas do setor privado, que antes doavam por simples adesão à causa, agora têm também, ou principalmente, interesse nos incentivos fiscais, ainda que eles não sejam

muitos como afirma a advogada Valéria Maria Trezza.<sup>4</sup> (2002), “[..]o Brasil é um país que possui poucos incentivos fiscais às doações para organizações sem fins lucrativos. Os incentivos existentes nem sempre são utilizados, seja por desconhecimento por parte das entidades e dos doadores, seja por sua, às vezes, complicada operacionalização”.

Portanto, se há uma nova configuração do Terceiro Setor, o Grupo Convivência precisa buscar formas de adequar-se a essa realidade ou o projeto fatalmente se inviabilizará por falta de recursos. Sem dúvidas, o ideal seria que o Grupo fosse auto-sustentável conforme Dona Dochinha o idealizou, contudo, para que algum dia ele possa alcançar esse ideal, terá de fazer investimentos em captação e administração de doações. Isso significa que o Grupo terá de angariar recursos, provavelmente através de projetos, para contratar profissionais especializados em gestão de organizações sem fins lucrativos, ou terá de lançar mão novamente do trabalho voluntário, que é uma caixinha de surpresas.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

---

<sup>4</sup> Advogada e editora da revista eletrônica Integração <<http://integracao.fgvsp.br/index.htm>>, dirigida ao Terceiro Setor.

## **QUE IDEAIS E IDÉIAS SUSTENTAM O GRUPO CONVIVÊNCIA?**

Dona Dochinha idealizou um trabalho social auto-sustentável. Não estava em seus planos depender para sempre de doações e financiamentos de projetos. Ela sabia que, para começar, teria que contar com recursos públicos e privados, mas, assim que a estrutura estivesse montada, a intenção era que o Grupo se mantivesse com o lucro obtido através da comercialização dos produtos.

Embora o projeto tenha uma estrutura empresarial, sua finalidade não é gerar lucro, mas garantir o sustento dos idosos beneficiados por meio desse lucro. No modelo empresarial tradicional, o lucro é um fim em si mesmo e não uma estratégia. “Desde o princípio, a minha proposta foi eles (os idosos) participarem da renda do trabalho deles para melhorar a qualidade de vida deles. [...]. Elas (as idosas) precisam, elas têm que melhorar a qualidade de vida delas, a gente trabalha pra isso. Ah, quem sobrevive com um salário, um salário de fome como é o nosso, não é possível, tem que ter mais uma rendinha.” – explica Dona Dochinha.

O Grupo Convivência não almeja alcançar nenhuma meta de produção ou de vendas, nem está preocupado em acompanhar as tendências do mercado. Dona Dochinha exige produtos bonitos e de boa qualidade, mas nada que sacrifique seu bem mais precioso: o velho. É por isso que, no Grupo, cada senhora faz o quanto é capaz e em ritmo próprio. Sem maiores formalidades, elas têm liberdade para faltar, parar para descansar e deixar para outro dia. O trabalho é sob medida para cada idosa, respeitando as diferentes limitações, não sobrecarregando o corpo, valorizando todo tipo de habilidade. A justificativa de Dona Dochinha é simples: “Lidando com o ser humano, não

é tudo a mesma coisa, né!? Cada um tem a sua dificuldade, mas resta à gente procurar entender essas dificuldades...”

O importante para Dona Dochinha é que as idosas tenham uma ocupação, que aprendam um ofício e que encontrem estímulos para viver. Não poderiam, contudo, ser tarefas solitárias. A mentora desse projeto sabe, pela própria experiência, o quanto a velhice carece de relacionamentos. Como disse Norbet Elias (2001), “Isso é o mais difícil – o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçãoados, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança.”

Sabendo dessa solidão a que estão sujeitos os idosos, Dona Dochinha faz questão do trabalho coletivo. A socialização está entre as estratégias do projeto para viabilizar a promoção humana. É no trabalho feito a muitas mãos que as senhoras praticam a arte da convivência. Reuni-las num mesmo ambiente, criar o compromisso de estar em conjunto para trabalhar, ensinar a não-competitividade, celebrar a vida, dar apoio nos momentos difíceis – isto é fazer com que sobreviva o sentimento de pertencimento. E pertencer a um projeto aceito e valorizado socialmente significa estar contido na sociedade.



FIGURA 2. Filosofia do Grupo Convivência

A integração social, prevista na missão do Grupo, faz-se via atividade produtiva, ou seja, via criação. Quando Dona Dochinha declara: “Sempre trabalhei, toda a vida eu fui muito inquieta”, refere-se a todas as atividades que realizou em sua vida – administrar a casa, criar os filhos, liderar projetos sociais, participar de movimentos religiosos, cuidar da irmã mais velha, etc. Tudo aquilo que exige compromisso, responsabilidade, dedicação de tempo e esforço é considerado por Dona Dochinha como trabalho. É por isso que essa senhora consegue, e com muita maestria, encontrar um fazer para cada idosa acolhida pelo Grupo Convivência. Dona Dochinha vê com os mesmos olhos aquela que pica papel, a que faz tapetes, a que descasca alho, a que faz panos de prato, a que desfia tecidos, a que lava as vasilhas do restaurante, a que prepara os sucos. Para ela estão todas igualmente em movimento, cada uma em sua medida, desafiando seus corpos e mentes a continuarem funcionando.

A irmã mais velha de Dona Dochinha, carinhosamente chamada de Estelinha, era uma idosa totalmente dependente. Precisava de uma acompanhante durante 24h para ajudá-la a realizar as mínimas tarefas. Dona Dochinha, no entanto, a considerava ativa porque ela ainda estava disposta a aprender, participava da dança sênior, exercitava diariamente o controle de seu corpo com pequenas caminhadas e era capaz de passar talvez uma hora por semana separando retalhos de malha na oficina de tapetes. Essas atividades para um ser humano jovem e em plenas condições de saúde podem não significar muito, mas para uma mulher enferma de noventa anos é um grande desafio.

Diante da fragilidade de senhoras como Estelinha, é muito comum que as pessoas queiram poupá-las de toda e qualquer forma de esforço porque estariam na “idade de descansar”. Quanto a essa forma tão comum de tratar o velho, Dona Dochinha diz: “Mas

isso não é cansar-se. Cuidar do irmão, procurar servir, procurar ainda ser útil, não é cansaço para ninguém, é remédio para uma vida longa”. E não há demagogia em sua fala. O que ela vem ensinando através do Grupo Convivência é a filosofia de sua própria vida – foi na ação, no amor e no enfrentamento à solidão e à doença que ela encontrou um sentido para a vida depois dos 60 anos.

Um autor que brilhantemente aborda esse conceito de “sentido da vida” é o psicólogo Viktor Frankl (1990). Ele descreve três caminhos para dar sentido à vida que muito se assemelham ao que Dona Dochinha aprendeu ao longo de sua existência.

Efetivamente, se nos deparam, por assim dizer, três caminhos principais para chegarmos ao encontro de um sentido. Em primeiro lugar, enquanto fizermos algo, realizarmos uma ação ou criarmos uma obra. Em segundo lugar, se experienciarmos algo, seja natureza ou arte, algo, digo eu, ou alguém. Experienciar alguém em profundidade, até o âmago de seu ser único e singular, significa amá-lo. Em outras palavras, o sentido pode ser encontrado pela via regia activa, assim como pela via regia contemplativa. Por último, no entanto, nos é dado a constatar que podemos encontrar sentido não apenas – para formularmos de modo bastante elementar – no trabalho e no amor. Podemos encontrá-lo mesmo ali onde nos tornamos vítimas de uma situação sem esperança, de uma situação que não podemos alterar, na qual apenas nos é facultado nosso próprio posicionamento frente a ela e a nós mesmos, de modo tal que, sob o aspecto humano, possamos amadurecer, crescer, ultrapassar-nos e, desta maneira, dar testemunho da mais humana de todas as capacidades humanas, que é a capacidade de transmutar uma tragédia pessoal em triunfo. Graças a essa terceira possibilidade – a de encontrar sentido até mesmo no sofrimento – o sentido potencial da vida é incondicional. (FRANKL, 1990)

Na missão do Grupo Convivência, esse último caminho para dar sentido à vida corresponde à “visão otimista da vida embasada na fé, na coragem e no amor”. O envelhecer pode ser uma tragédia pessoal transformada em triunfo a partir da forma como nos posicionamos diante dessa situação que não podemos alterar. Encontrar sentido nas perdas graduais das potencialidades do corpo, ir “aceitando devagarinho tudo”, como disse Dona Dochinha. Essa é a visão otimista que a faz dizer que: “A velhice é um enriquecimento. Um enriquecimento muito grande, uma fase da vida muito produtiva... A

gente produz de acordo com o que pode, mas que é muito produtiva é, porque a gente já tem muita prática da vida, já tem mais senso, já tem mais gabarito para trabalhar”. No lugar de lamentar-se sobre esse processo natural e inevitável do envelhecimento, como o fez Norberto Bobbio (1997), Dona Dochinha preferiu dar-lhe um sentido.

O enfoque nos saberes da experiência adquirida ao longo dos anos e nas potencialidades da pessoa idosa compõe a visão otimista que Dona Dochinha quer ensinar em meio à convivência. E para ela não restam dúvidas de que o velho aprende: “Nossa Senhora! Surpreendente a vontade dele (do idoso) de aprender tudo o que você fala! Ninguém diz isso do idoso. Quantas vezes eu ouvi ‘ah, o idoso não aprende mais nada’. Um absurdo falarem uma coisa dessa!! [...] A minha irmã com 90 anos ela quer aprender as coisas, ela dança, ela participa e quer participar!” E mais que aprender, Dona Dochinha aposta na capacidade do velho de ensinar aquilo que sabe. As idosas do Grupo que já dominam o seu ofício são convidadas a ensinar as novatas, a coordenar atividades, a liderar novas oficinas. Mais uma vez Dona Dochinha baseia-se em sua experiência pessoal: “O que eu tenho aprendido dentro desse trabalho, nessa caminhada final minha, o que eu tenho aprendido tem me ajudado muito a dar um passo. A gente tem que ter mesmo aquele sentido de aprender, crescer para passar para o outro. Viver para passar para o outro.”

E sendo o idoso um ser humano ainda tão capaz, o que lhe faltaria? “A pessoa idosa precisa de estímulo [...] de apoio da comunidade, ao contrário a gente fica quieta.” – insiste Dona Dochinha. O estímulo é talvez a maior perda das pessoas de idade avançada. Ele reduz ou mesmo acaba quando não há mais uma família para manter ou um trabalho para realizar, ou ainda quando o corpo começa a dificultar algumas atividades

básicas, quando os relacionamentos escasseiam, quando os espaços sociais se restringem ou quando o poder antes exercido sofre limitações.

Outro componente fundamental do projeto idealizado por Dona Dochinha é o lazer, entendido enquanto momento de descontração, de alegria, de prazer, de divertimento, de entretenimento, de distração, de recreação. O lazer está inserido no trabalho em forma de conversas casuais, de histórias e piadas contadas durante a atividade produtiva, em forma de risos, sorrisos, gargalhadas que ecoam pelo ambiente livre da sobriedade. “A gente faz questão que o trabalho seja no meio de uma alegria. Deus me livre de tirar essa alegria do meio do ser humano! O mundo é tão triste, a gente tem que cortar isso, acabar com isso”. – justifica Dona Dochinha.

O lazer também é entendido da forma mais tradicional, ou seja, enquanto atividades de ócio que se contrapõem ao trabalho, como a dança sênior e a yoga oferecidas pelo Grupo Convivência. É também Dona Dochinha quem expressa essa segunda concepção de lazer ao declarar: “O lazer é importantíssimo.[...] E como elas (as idosas) gostam e dão valor! O dia da dança não falta uma como não falta o dia do trabalho”.

Essas atividades de lazer foram estrategicamente escolhidas por Dona Dochinha para atender também outra necessidade do idoso: a manutenção do corpo. O velho tende a ter menos atividades e conseqüentemente a movimentar-se menos, e a falta de uso do corpo leva à perda da flexibilidade e do tônus muscular, entre outras coisas. Mais do que apenas diversão, a yoga e a dança sênior promovem saúde física através de movimentos que lubrificam as articulações e propiciam um melhor funcionamento do organismo como um todo. Dona Dochinha, que já ensinou yoga e hoje pratica a dança sênior, é

testemunha dos benefícios gerados por essas atividades e defende, como a maioria dos praticantes, que eles vão muito além da saúde física. “A dança sênior, que é uma dança própria para o idoso, que trabalha com a cabeça, trabalha com todos os membros, elas (as idosas) então desenvolvem mesmo”. – comenta entusiasmada.

No que se refere aos cuidados com corpo, Dona Dochinha tem ainda outra preocupação: a alimentação saudável. Em vista das condições precárias de muitas das idosas atendidas pelo Grupo Convivência e da falta de informação sobre os alimentos, Dona Dochinha se propôs a dar um exemplo de nutrição, implantando um restaurante de comida natural. Numa lição de economia, em que os recursos são administrados de forma racional, sem desperdícios, o restaurante, além de alimentar e educar a comunidade de Sete Lagoas, também tem a função de empregar o excedente de comida no preparo do lanche das idosas do Grupo Convivência. Enquanto esse exemplo busca suprir a falta de conhecimentos sobre a alimentação saudável, as eventuais cestas básicas que Dona Dochinha distribui tentam suplantar a falta de condição financeira das idosas mais carentes.

O trabalho de promoção humana – finalidade do Grupo Convivência – detalhado nos parágrafos anteriores, pode ser então subdividido em quatro eixos: o social, o psicológico, o econômico e o fisiológico. A promoção social das idosas advém do reconhecimento de seu valor pelo grupo, pela família, pela comunidade a que pertencem. Já psicologicamente a promoção se faz através da aprendizagem de uma nova visão sobre si mesmo, sobre suas capacidades e habilidades, sobre sua forma de participação social, que culmina na elevação da auto-estima. A promoção econômica provém da renda gerada, que não é e nem precisa ser expressiva, pois, na maioria dos casos, é adicional à

renda familiar e/ou a benefícios decorrentes de aposentadoria ou pensão. E por último, a promoção fisiológica realiza-se como resultado das atividades com o corpo e da alimentação mais saudável.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas, SP: Papirus, 2001

APERTO financeiro devolve sexagenárias ao trabalho. *JORNAL HOJE EM DIA*, Caderno Economia, p.21, 07 de agosto de 2005.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BÉLANGER, Paul. *La educación de Adultos y las personas de edad – Tendencias y aspectos críticos*. In: Revista Educación de Adultos y Desarrollo. Alemanha: Iiz, n. 49, 1997.

BETZ, Regina (comp.). *O olhar da sabedoria: testemunhos da terceira idade*. São Paulo: Paulinas, 2001.

BOBBIO, Norberto. *O tempo de memória: de senectute e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORGES, Dirceu. *O que você vai fazer em dezembro?* São Paulo: Peirópolis, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *Velhos amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOTH, Agostinho. *Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade*. Passo Fundo: UPF, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra*. In: Questões de sociologia. São Paulo: Marco Zero, 1983

BRUHNS, Heloisa Turini (org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

CACHIONI, Meire. *Quem educa os idosos?: um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

CADA VEZ mais casais brasileiros decidem não ter herdeiros, como Reinaldo e Karin (foto), ou optam por filho único. *REVISTA ÉPOCA*, edição 373, 11 jul. 2005.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.

COELHO, Saldanha. *Envelhecer e ser feliz*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

V CONFERENCIA INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN DE LAS PERSONAS ADULTAS , Relatório do tema 8 a: *La educación de adultos y las personas de edad*, Hamburgo: Instituto de la UNESCO para la Educación, 1999. Disponível em: [www.UNESCO.ORG/education/UIE](http://www.UNESCO.ORG/education/UIE). Acesso em: 10 out. 2002.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: MEC - UNESCO, 2003.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

ENVELHECIMENTO ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p. Disponível em [http://dtr2001.saude.gov.br/svs/pub/pdfs/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://dtr2001.saude.gov.br/svs/pub/pdfs/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso em 22 de agosto de 2005.

FERRIGNO, José Carlos. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis: Ed. Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

FRANKL, Viktor. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

FRATERNIDADE E PESSOAS IDOSAS: texto base CF-2003/Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUCK, Irene Terezinha. *Alfabetização de Adultos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.

GERÊNCIA de Estudos e Programas da Terceira Idade. *A TERCEIRA IDADE*, São Paulo: SESC, v. 14, n. 26, 27, 28, set. 2003.

GOUVÊA, Maria Augusta Christo de. *Terceira idade – ainda é tempo de semear*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

GRAVE, João; NETTO, Coelho. *Lello Universal – Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro*. Porto, Portugal: Lello & Irmão Editores, 2 vol., s/d.

GUIDI, Maria Laís; MOREIRA, Maria Regina (orgs.). *Rejuvenescer a velhice: novas dimensões da vida*. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

IWANOWICZ, J. Bárbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In BRUHNS, Heloísa Turini (org). *Temas sobre o lazer*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

KACHAR, Vitória (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

LÉA, Magdalena. *Quem tem medo de envelhecer?* Rio de Janeiro: Record, 1981.

LIMA FILHO, João Batista; SARMIENTO, Sophia Maria Guimarães. *Envelhecer bem é possível: cuidando de nossos idosos na família e na comunidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIMA, Mariúza Peloso. *Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice*. São Paulo: LTr, 2000.

LOUREIRO, Altair Macedo. *A Velhice, o Tempo e a Morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.

MINOIS, George. *História da velhice no ocidente: da antigüidade ao renascimento*. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer – histórias, encontros, transformações*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a.

MONTEIRO, Pedro Paulo. Espaços Internos e Externos do corpo: envelhecimento e autonomia. In Revista Quadrimestral de Serviço Social. Edição Especial - Velhice e Envelhecimento, São Paulo: Cortez Editora, Ano XXIV, n. 75, p. 150-151, set. 2003b.

MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

MORRISON, Mary C. *Deixe a noite chegar: reflexões sobre o envelhecer*. São Paulo: Paulinas, 1999.

MOTTA, Alda Britto da. “Não tá morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. 1999. 279f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Salvador.

NERI, Anita Liberalesso. Entrevista. Disponível em [www.techway.com.br/techway/revista\\_idoso/anita.htm](http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/anita.htm) Acesso em 26 ago. 2005

NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

NERI, Anita Liberalesso (org.). *Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.

NICHOLAS, Coni; DAVISON, William; WEBSTER, Stephen. *O envelhecimento*. São Paulo: Experimento, 1996.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. Educação de Jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível à elaboração de políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas

populares. In SOARES, Leôncio (org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 1999.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade..." In BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PY, Lúgia. et al. (org.). *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.

RAMAYANA, Marcos. *Estatuto do Idoso Comentado*. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2004.

REVISTA QUADRIMESTRAL DE SERVIÇO SOCIAL, Edição Especial - Velhice e Envelhecimento, São Paulo: Cortez Editora, Ano XXIV, n. 75, p. 150-151, set. 2003.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Ação Educativa 2001. (Coleção Leituras no Brasil).

ROMANS, Mercè; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SÁ, Jeanete Martins. Educação e Envelhecimento. In PY, Lúgia. et al. (org.). *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SHASFSTEIN, Eloísa Adler. Intervenção psicossocial. In PY, Lúgia. et al. (org.). *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.

SOARES, Leôncio (org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Mitos do Voluntariado no Brasil: para além de boas intenções. In **Revista Integração** – a revista eletrônica do terceiro setor. Ano VII, n. 38, maio de 2004. Disponível em <<http://integracao.fgvsp.br/banco.htm>> Acesso em: 20 ago.2005.

TERCEIRA idade, terceiro turno de trabalho. JORNAL O TEMPO, Belo Horizonte, 18 set. 2005, Caderno de Economia, p.G1.

TREZZA, Valéria Maria. Incentivos Fiscais e Doações. Disponível em <<http://integracao.fgvsp.br/ano5/11/administrando.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2005.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## RESUMEN

Esta investigación es un estudio cualitativo sobre la construcción de un grupo de mujeres mayores de las capas bajas. Ubicado en *Sete Lagoas, Minas Gerais, Grupo Convivência*, una asociación sin fines lucrativos con casi 20 años de existencia, presenta el diferencial de haber sido construido alrededor del trabajo remunerado. Para la reconstitución de la historia del grupo desde su origen, fueron compilados relatos y documentos. Se ha dado especial atención a la filosofía que fundamenta ese proyecto social, teniendo como principal fuente la fundadora del grupo, Alexandrina de Souza Dayrell. Entrevistas y un largo periodo de observación participativa posibilitaron la caracterización de los sujetos, de los conceptos de vejez y de los retos presentes en *Grupo Convivência*. Como conclusión de la investigación, son apuntadas dificultades frecuentes en los trabajos sociales, tales como: financiación, trabajo voluntario y difusión de su filosofía. Se resalta también la importancia de la educación gerontológica, que atraviesa y justifica todo el proyecto, en la ampliación de la concepción de vejez de sus participantes, contribuyendo de esa manera para la transformación cultural y social.

[Versão em português](#)

[Versão em inglês](#)

[Voltar ao índice](#)

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo qualitativo sobre a construção de um grupo de mulheres idosas das camadas populares. Localizado em Sete Lagoas, Minas Gerais, o Grupo Convivência, uma associação sem fins lucrativos com quase 20 anos de existência, apresenta o diferencial de ter sido construído em torno do trabalho remunerado. Para a reconstituição da história do grupo desde sua origem, foram coletados relatos e documentos. Deu-se especial atenção à filosofia que fundamenta esse projeto social, tendo como principal fonte a fundadora do grupo, Alexandrina de Souza Dayrell. Entrevistas e um longo período de observação participativa possibilitaram a caracterização dos sujeitos, dos conceitos de velhice e dos desafios presentes no Grupo Convivência. Como conclusão da pesquisa, apontam-se dificuldades frequentes em trabalhos sociais, tais como: financiamento, trabalho voluntário e difusão de sua filosofia. Destaca-se também a importância da educação gerontológica, que permeia e justifica todo o projeto, na ampliação da concepção de velhice de seus participantes, contribuindo assim para a transformação cultural e social.

[Versão em inglês](#)

[Versão em espanhol](#)

[Voltar ao índice](#)

## **ROTEIROS DE ENTREVISTA**

### **a) Roteiros de entrevista com idosas**

Instruí as idosas para que me respondessem como se eu não soubesse nada sobre o Grupo ou sobre elas, como se eu fosse uma pessoa de fora tentando conhecer a realidade que elas vivem.

- Nome e idade.  

(objetivo: identificação)
- Como gosta de ser chamada?  

(objetivo: ver se aparece o termo senhora ou dona)
- Sua profissão?  

(objetivo: saber se elas consideram o que fazem no grupo como profissão e se elas tinham outra profissão anterior a esta)
- Atualmente, qual ou quais as atividades que lhe geram renda?  

(objetivo: descobrir se é necessária mais de uma atividade para obter a renda almejada, ou seja, saber se a renda das atividades do Grupo Convivência basta)
- Quanto lhe rende(m) esta(s) atividade(s)?  

(objetivo: analisar quanto mais é preciso além da renda que já possuem, no caso das aposentadas)
- Sempre trabalhou? Por quê? Para quê?  

(objetivo: saber se o trabalho sempre fez parte de sua vida e se se trata de uma necessidade apenas financeira ou tem também importância no desenvolvimento pessoal)
- E agora, trabalha por quê e para quê?

(objetivo: saber se as necessidades supridas pela atual atividade são as mesmas ou se há diferenças)

- Pode parar de trabalhar quando quiser? Gostaria de parar?

(objetivo: mapear a realidade socioeconômica da idosa e investigar se há algum pesar no fato de ainda ter de trabalhar)

- É a dona da casa em que habita?

(objetivo: saber a posição ocupada pelo idoso em sua residência)

- Quais são as suas responsabilidades na casa e fora dela?

(objetivo: identificar quais as atividades cotidianas que estão sob gestão das idosas – igreja, comunidade, trabalho, família)

- Sobre o Grupo Convivência: o que é? o que faz?

(objetivo: saber o grau de conhecimento das idosas sobre as diversas atividades do Grupo)

- É importante um grupo como este? Por quê?

(objetivo: verificar se em algum momento é citada a falta de espaço social para o idoso de baixa renda)

- Tem conhecimento de outros grupos que realizam o mesmo tipo de atividade? Qual ou quais? O que oferece(m)?

(objetivo: averiguar, dentro do contexto das idosas, a existência de outros trabalhos filantrópicos e o tipo de assistência que oferecem)

- Qual o seu envolvimento com o Grupo Convivência? Há quanto tempo?

(objetivo: descobrir as atividades das quais participa ou participou)

- Como você ficou sabendo do Grupo e o que lhe foi informado?

(objetivo: desvendar a motivação inicial que levou as idosas a se integrarem ao Grupo)

- Como se deu a escolha da atividade a ser realizada?

(objetivo: averiguar se a escolha partiu delas ou dos dirigentes do Grupo e quais os critérios adotados)

- Teve que aprender o ofício? Quem ensinou? Foi difícil?

(objetivo: averiguar se o trabalho era uma novidade para as idosas, quem se encarregou de ensinar e como foi a experiência de aprender)

- Conte o que faz, como faz, quando faz e o que é feito com a produção.

(objetivo: na descrição do trabalho quero observar como as idosas se referem às coordenadoras – reparar se aparece a submissão patrão/empregado – , se o trabalho envolve outras pessoas – família, colegas – ou se é totalmente individualizado, se elas gostam e estão satisfeitas com o que fazem, se elas conhecem o destino final do que produzem – perceber se elas sentem o fruto do trabalho como algo delas ou da instituição –, saber se participam ativamente de todas as etapas da produção, descobrir se há exigências e de quem elas partem, saber se continuam aprendendo, como superam dificuldades e se possuem um acompanhamento para aperfeiçoar o trabalho, descobrir o que fazem quando o trabalho não fica bom ou quando erram)

- Dá na mesma trabalhar no Grupo Convivência ou em outro lugar? O Grupo Convivência é só mais um local de trabalho como outro qualquer?

(objetivo: tentar avaliar se o fato de o trabalho ser adequado às capacidades das idosas e preocupado com seu bem-estar é percebido pelas mesmas)

- Houve mudanças na vida – meio familiar, meio social, pessoal - em decorrência da participação no Grupo? Qual ou quais?

(objetivo: buscar pistas da pretendida promoção humana)

- Conhece alguém que não participa do Grupo – vizinha, parente ou amiga – que, se viesse a participar, mudaria sua vida? Como é a vida dela e em que melhoraria?

(objetivo: através do exemplo de outra pessoa, detectar as características da vida antes e após frequentar o Grupo)

OBS: A todo momento estarei atenta ao conceito de velhice que estiver implícito nas falas das idosas, mas, num primeiro momento, não pretendo fazer nenhuma pergunta direta sobre o tema para evitar o discurso pronto da “melhor idade” que anda tão na moda.

## **b) Roteiro de entrevista com Dona Geroliza**

Adapte as perguntas do roteiro acima e inicie a entrevista pedindo para que ela contasse como ela conheceu Dona Dochinha e como o Grupo Convivência começou.

## **c) Roteiro de entrevista com Dona Dochinha**

- Quantos anos a senhora tem?
- Qual é a sua profissão?
- O que a senhora faz atualmente? Essa atividade gera-lhe alguma renda?
- Qual a sua fonte de renda?
- A senhora sempre trabalhou? Por que e para quê?
- Atualmente, a senhora trabalha por que e para quê?
- Há quanto tempo existe o Grupo Convivência?
- Todos os seus parentes apóiam sua decisão de engajar-se nesse trabalho social?
- A senhora não está na idade de descansar? Não gostaria de parar?
- O que é ser velho?
- Quando e como a senhora descobriu que estava velha?
- A senhora tem vergonha de ser velha? Por quê?
- Como a senhora consegue se sentir importante e capaz?

- A senhora tem algum medo? Alguma insegurança? Tem medo da morte? Por quê?  
O que ela significa?
- De que as pessoas idosas precisam? Quais as necessidades delas? Todas precisam do mesmo?
- E por que oferecer trabalho para as idosas? Qual o objetivo desse trabalho?
- E o lazer? É importante? Faz parte das atividades do grupo? Está separado do trabalho?
- Como são selecionadas as pessoas que fazem parte da execução do projeto? Qual a formação delas?
- O idoso aprende? Como?
- No Grupo há também pessoas com menos de 60 anos. Por quê?
- A senhora acha que na nossa sociedade nós nos preparamos para a velhice?
- Como a senhora avalia o trabalho voluntário dentro do Grupo? Funciona? Há problemas?
- Há políticas públicas para esse idoso com o qual a senhora trabalha?
- A senhora tem uma irmã. Quantos anos ela tem? Ela participa do Grupo? Como?  
A senhora a considera ativa?
- A senhora já ficou afastada do Grupo por causa de um acidente cardiovascular e agora, novamente, a senhora teve que deixar o grupo por seis meses para tratar um câncer. O que significa para a senhora vencer esses problemas sérios de saúde e retomar as atividades?
- O que ainda quer realizar? Quais os seus projetos daqui para frente?

- O Grupo Convivência teve e tem uma série de atividades. Para quê tudo isso?  
Qual é a proposta do Grupo?
- O Grupo oferece um trabalho igual a qualquer outro que há no mercado?
- Houve mudanças na vida da senhora depois do Grupo Convivência?
- Conte-me sobre o novo restaurante.
- Por que só mulheres idosas no Grupo? Qual o papel da mulher na sociedade?
- O que é o Focolare? Qual sua relação com o Grupo?

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## **SOBRE A APRESENTAÇÃO DO TEXTO**

A presente dissertação de mestrado foi concebida originalmente em formato eletrônico, em sintonia com toda a tecnologia disponível nos dias de hoje. A escolha do hipertexto, um escrito não sequencial, não linear, tem uma justificativa.

O hipertexto é uma série de blocos de texto, conectados entre si por nexos, que possibilitam diferentes itinerários. A versatilidade do hipertexto requer um leitor ativo. Como uma estrada que bifurca e nos obriga a escolher o caminho a seguir, ele nos faz conscientes de que há opções. Além disso, o hipertexto não permite que o autor intervenha, sugerindo ao leitor um caminho, uma seqüência de páginas. Num hipertexto é impossível reconhecer a ordem de leitura pessoal do autor. Assim sendo, o leitor não fica condicionado a seguir o traçado do autor e ganha autonomia para selecionar sua rota através do labirinto de materiais disponíveis. O leitor de hipertexto faz de seus próprios interesses o eixo sobre o qual se organizará a leitura.

A forma do hipertexto assemelha-se à forma como a mente humana se organiza. É uma rede de informação, complexa, difícil de ser contemplada em sua totalidade. Para apreender qualquer dado, os neurônios estabelecem múltiplas conexões. Assim funciona o hipertexto. Para lê-lo é necessário fazer *links*. E se a aprendizagem de uma mesma idéia pode acontecer de formas diversas, a leitura de um hipertexto também. Mais ainda, se um único processo pode suscitar experiências educativas diferentes, um único hipertexto também pode levar a diferentes experiências de leitura.

Já para o escritor, o hipertexto é um instrumento libertador. Transportar as vivências multidimensionais para um formato de, no máximo, duas dimensões é, no

mínimo, angustiante. O hipertexto surge como uma ferramenta mais apropriada para a construção do pensamento em forma de texto escrito. Há bastante mais liberdade para saltar de uma idéia à outra e dar vazão às associações que a nossa mente faz com total naturalidade.

Criou-se um texto central, chamado introdução, a partir do qual é possível acessar outros 13 textos. Na versão eletrônica, basta clicar sobre as palavras em destaque para conectar-se ao texto desejado.

[Voltar ao índice](#)

## **SOBRE A LINGUAGEM**

Para que o leitor esteja ciente do uso de alguns termos deste estudo, apresentam-se, inicialmente, alguns esclarecimentos sobre a questão da linguagem.

Na literatura especializada e no cotidiano, muitos termos são empregados para designar as pessoas com mais de 60 anos e o momento da vida em que se encontram: velho, velhote, idoso, ancião, pessoas de idade avançada, senhor(a), vovô, vovó, velhice, terceira idade, maior idade, boa idade e melhor idade. A antropóloga Clarice Peixoto, em estudo comparativo entre Brasil e França, examina algumas dessas designações da velhice. Mostra-nos a trajetória de formulação pública dos termos, ressaltando a época em que surgiram, o período em que estiveram em voga e as nuances de representações sociais agregadas a eles.

Nesta dissertação, entretanto, optou-se por não desenvolver um estudo terminológico, uma vez que, em toda a bibliografia consultada, não parece haver um consenso, nem tampouco uma preocupação, no uso de uma nomenclatura em detrimento de outras. Fica, então, esclarecido que esses termos serão usados ao longo deste trabalho, de forma aleatória, como sinônimos, para evitar-se a monotonia do texto pela repetição de palavras.

O fato de não abordar as nuances terminológicas não significa, entretanto, deixar de levantar as discussões em torno do conceito de velhice.

[Voltar ao Índice](#)

## ABSTRACT

This research is a qualitative study on the creation of a group of senior women from the lower classes. Located in Sete Lagoas, in the state of Minas Gerais, the *Grupo Convivência*, a non-profit organization with almost 20 years of existence, presents the differential of having been built around remunerated work. In order to reconstitute the history of the group from the beginning, reports and documents were collected. Special attention was given to the philosophy that grounds that social project, having as its main source the founder of the group, Alexandrina de Souza Dayrell. Interviews and a long period of participative observation enabled the characterization of the subjects, as well as of the concepts surrounding old age and the current challenges in the *Grupo Convivência*. As a conclusion of the research, frequent difficulties in social works can be nominated, such as: financing, volunteer work and the diffusion of its philosophy. It is also important to highlight the role played by gerontological education, which permeates and justifies the whole project, in the enlargement of the participants' conception of old age, thus contributing for cultural and social transformation.

[Versão em espanhol](#)

[Versão em português](#)

[Voltar ao índice](#)

## ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Como já foi dito no texto central, foram entrevistadas seis idosas, no total. Com exceção de Dona Dochinha, a diretora do Grupo, e de Dona Geroliza, a idosa que deu início ao Grupo, preferi realizar as entrevistas em duplas. Optei por fazê-las dessa forma acreditando que, sendo duas, elas se sentiriam menos envergonhadas diante da câmera, uma poderia ajudar a outra nas lembranças e a entrevista ganharia um tom informal de conversa. Todas essas vantagens se confirmaram na prática, mas também uma desvantagem: a mais extrovertida tendia a monopolizar a fala ou a cortar a fala da colega.

A duração das entrevistas não foi ideal, tendo em vista sua extensão de aproximadamente três horas. Não era viável, no entanto, dividir a entrevista em dois momentos, pois para mim significaria deslocar-me duas vezes até a periferia de Sete Lagoas, levando equipamento emprestado, e para as entrevistadas significaria interromper a vida do lar ou outra atividade por duas tardes e deslocarem-se para o local da entrevista.

Embora a observação participativa tenha me parecido mais eficaz enquanto instrumento de pesquisa, algumas das respostas aqui registradas foram importantíssimas para confirmar e até mesmo complementar minhas constatações anteriores.

No texto a seguir, analisarei as entrevistas das senhoras da oficina de tapetes e da fábrica de tempero. Os dados coletados nas entrevistas de Dona Dochinha e Dona Geroliza foram incorporados a esta pesquisa na construção da história do Grupo Convivência.



FIGURA 3 Maria Ventura - tapeceira



FIGURA 4 Luíza - tapeceira

## **d) As Meninas do Tapete**

Comecei pela oficina de tapetes, onde entrevistei duas das mais antigas artesãs do Grupo Convivência: Ventura e Luíza. Elas trabalham na confecção de tapetes de retalho de malha desde o início dessa atividade, em 1996, quando o artista plástico Ivan Volpi coordenava a cooperativa.

Era 14 de julho de 2004, uma quarta-feira. Havíamos combinado de nos encontrar por volta das 14h na casa de Luíza. O horário foi estabelecido por elas, em vista das tarefas do lar. Ambas disseram que a parte da tarde era ideal porque já teriam terminado de fazer o almoço e arrumar a cozinha.

Estabelecemos-nos na sala de televisão: elas, sentadas num sofá de dois lugares, e eu, do outro lado da sala, numa poltrona ao lado da filmadora. A entrevista foi acompanhada pelos olhares curiosos, e ao mesmo tempo orgulhosos, de alguns filhos, netos e outros parentes de Luíza. Pedi que as duas ficassem à vontade e expliquei a importância da filmagem para que eu não tivesse que anotar tudo o que elas dissessem. Mostrei o roteiro de perguntas e falei um pouco sobre o que era a pesquisa que eu estava realizando.

Mesmo tendo “preparado o terreno”, nem elas nem eu conseguimos ficar muito confortáveis em nossos respectivos papéis de entrevistadas e entrevistadora. Durante a maior parte da gravação, Ventura e Luíza pareciam formais e um pouco sem entusiasmo, bem diferentes de quando eu as via trabalhando, às segundas-feiras, na oficina de tapetes. Eu também estava tensa, talvez preocupada com o tempo que se estendia e com as respostas curtas e inconsistentes que me davam. Desdobrando-me para fazê-las falar

mais, acabei por atropelá-las em suas falas algumas vezes, desviando-as do assunto e perdendo, com isso, algumas declarações importantes.

Evidentemente, só me dei conta dessas falhas quando assisti à gravação. É notória a diferença entre a primeira entrevista e a última, que foi a de Dona Dochinha. O roteiro de perguntas me era mais familiar e com isso não fiquei tão presa a ele. Esperava a entrevistada terminar a fala e concluir seu raciocínio, escutava melhor, com mais atenção e, conseqüentemente, conseguia aproveitar as oportunidades de encaixar perguntas improvisadas. Feliz coincidência deixar as duas entrevistas mais importantes por último!

Optei por não transcrever as entrevistas. Quando escolhi a filmagem como único registro, queria que meus leitores tivessem a oportunidade de ver as entrevistadas: seus gestos, suas expressões faciais, a forma de falarem, seus ritmos, suas posturas, as marcas do tempo, seus olhares, a agilidade física e mental. O teatro me ensinou o valor da imagem, da entonação da voz, do silêncio. Eles transmitem muito do que somos, pensamos, sentimos e ressignificam aquilo que dizemos.

A filmagem também ajuda a romper com estereótipos. Pela simples leitura de uma transcrição, o leitor poderia associar as entrevistadas com a imagem de idosa que ele possui. Elas poderiam ir desde a tradicional senhora de cabelos brancos, pele enrugada, corpo debilitado, encurvado, fala lenta e entrecortada, até a imagem de uma senhora conservada, dinâmica e de aspecto jovial. Quaisquer dessas imagens influenciariam na interpretação de suas falas, distanciando o leitor dos sujeitos reais.

Outra vantagem que percebi na entrevista filmada é a de ela se tornar um documento para novas análises. Assistir a ela novamente não é apenas lembrar, é também rever e, assim sendo, podemos captar aspectos que tenham escapado ao nosso

olhar ou aos nossos ouvidos da primeira vez. E essa vantagem se estende a todos os espectadores. Alguns familiares e amigos - e também meu orientador - que se dispuseram a ver os DVDs, por exemplo, chamaram-me a atenção para aspectos que eu não fora capaz de observar. Cada olhar se ateve a um ponto ou deu mais ênfase a uma dimensão, conforme a vivência e a percepção de cada um. Foi interessante constatar que a reincidência do olhar nos faz enxergar cada vez mais detalhes, inclusive em relação à nossa postura de entrevistador-pesquisador. É um valioso exercício de autocrítica detectar os próprios erros e observar os progressos.

Voltando às entrevistas, embora a primeira não tenha sido um primor, foi possível extrair importantes declarações, principalmente de Maria Ventura. Cronologicamente ela ainda nem pertence à terceira idade, tem apenas 58 anos. Fisicamente também não apresenta traços do tempo vivido, do tipo cabelos brancos ou pele enrugada. No entanto, todos os médicos que ela declara freqüentar, e não são poucos, indicam-lhe os centros de idosas como terapia obrigatória.

Ventura é proprietária da casa que habita. Suas responsabilidades no lar são muitas. Cita a marmitta que faz para os filhos levarem para o trabalho e a arrumação da casa, mas comenta enfaticamente que os filhos a ajudam muito.

Apesar de exercer a profissão de tapeceira há aproximadamente nove anos, Ventura só se diz dona de casa. E o mais curioso é que a única atividade que lhe gera renda é a confecção de tapetes no Grupo Convivência. Apesar disso, sua fala mantém uma coerência a esse respeito. Mais adiante ela explica que a prioridade é a lida do lar, o tempo dedicado aos tapetes é o que sobra depois de ter feito todas as tarefas da casa. Ela também freqüenta outro grupo além do Convivência, o Clube de Mães do Lions Club,

onde aprende pintura em tecido, mas é apenas um curso, não há comercialização da produção.

Até 1996, Maria Ventura havia tido duas profissões: dona de casa e lavadeira (sempre trabalhando em sua casa para poder cuidar dos filhos). A opção pela tapeçaria, enquanto atividade remunerada, é justificada pela necessidade de ajudar em casa e de ter condições para comprar seus remédios. Num primeiro momento, sua fala nos leva a crer que a importância fundamental dessa atividade que ela realiza no Grupo Convivência é a renda.

Luíza, por sua vez, conta que, quando o marido era vivo, ela trabalhava para ter uma atividade de distração, uma espécie de fisioterapia, não precisava completar a renda familiar e os “trocadinhos” que recebia eram para ela mesma. “Agora, depois que... Já tem um ano que ele morreu e eu fiquei só com a pensão, né!? Então tá muito pouco, não tá dando direito. E agora, eu já entro com esse (referindo-se ao dinheiro ganho com os tapetes) para dar uma ajuda. Ele tá servindo bem para dar uma ajuda.”

A resposta seguinte de Ventura, entretanto, contradiz a idéia de que trabalham fundamentalmente por dinheiro. Pedi que me dissesse se poderia parar de trabalhar no grupo caso fosse preciso. Ficou desconcertada, mal conseguiu imaginar a situação. Depois de muito relutar, explicou-me que com respeito ao dinheiro, sim, ela poderia ficar sem ele, mas, no tocante à saúde, não era possível pensar em parar. A atividade para ela é um remédio, receitado inclusive pelo médico do diabetes, pelo cardiologista e pelo psicólogo. Nesse momento, a renda, que anteriormente havia sido usada como justificativa para o envolvimento com o trabalho do Grupo Convivência, tornou-se fator coadjuvante, deixando o papel principal para o bem-estar proporcionado pela atividade.

Luíza, então, completou a fala da colega valorizando ainda mais os benefícios não-financeiros: “Quando a gente não tem nada para fazer a gente pensa tudo, de bom e de ruim, preocupa... com as coisas da vida, preocupa com a família, família grande [...] preocupa demais. A gente não tendo nada para fazer é desse jeito e tendo as coisas pra gente fazer a gente até esquece, tem hora que esquece daqueles problemas. [...] eu chego lá, a gente distrai com as colegas, com o trabalho [...] já chego em casa boazinha outra vez...”.

Mais adiante a mesma contradição. Ao falar sobre a importância do grupo, Ventura cita apenas o lazer – a yoga e a dança sênior. “O importante é ter o lazer ou é ter o trabalho que gera uma renda?” –indaguei. Ventura sorriu e disse: “Pra mim, as duas coisas, né.” Em algumas perguntas depois, quis saber se trabalhariam sem receber. “Uai, eu ia, por causa da terapia eu ia” – responde Ventura tranquilamente. Luíza, concordando com a fala da colega, explica: “Isso é bom demais, essas coisas que a gente aprende e tudo, qualquer coisa que seja, com dinheiro ou sem dinheiro, a gente faz com amor, viu?! Eu faço. Eu adoro meus tapetes. Tem dia que eu pego com aquele amor, aquela coragem, e vai rápido. Acho que é o amor que a gente tem por aquilo, né?”.

Dei-lhes uma nova oportunidade para falar em que exatamente estão envolvidas com a pergunta “O que é o Grupo Convivência?”. Ventura responde objetivamente: “O grupo Convivência já fala tudo, é um grupo de convivência mesmo porque a gente reúne, né, as pessoas...então a gente se dá bem. Na segunda-feira que eu vou pra lá, quando a gente chega lá é uma festa (risos), muito bom mesmo.” Novamente, não houve referência ao Grupo como fonte de renda, mas como provedor de bem-estar, saúde e vida social.

Apesar de fabricarem tapetes há nove anos aproximadamente, nenhuma das duas artesãs tem em suas casas um tapete feito por elas. Nunca pediram para criar um tapete por conta própria. Nunca sequer desenharam um tapete e raramente decidem as cores dos que vão tecer – funções da coordenadora da oficina. Elas apenas executam o que é pedido e dizem que fazem os tapetes para o Grupo. Embora tenham alguma noção de onde a coordenadora os coloca para vender e quanto custam, também nunca fecharam uma negociação pessoalmente, apenas indicaram onde os interessados poderiam comprar os tapetes. Fora do Grupo, quer dizer, por conta própria, com material próprio, elas também nunca fizeram nenhum tapete.

Contaram entusiasmadas que, certa vez, as cinco tapeceiras tiveram de fazer juntas um tapete muito grande para a cantora Marina Machado, em vinte dias. O tapete faria parte do cenário do show. No último dia, não voltaram para casa, viraram a noite tecendo para poder entregá-lo a tempo. Explicaram que as famílias foram avisadas de que elas não iriam para casa naquela noite. Pelo tom da fala, o fato foi um acontecimento e elas se sentiram muito importantes.

As vantagens que elas destacam nesse trabalho no Grupo Convivência estão relacionadas à amizade. Há um ambiente de muita solidariedade entre as tecelãs. Também é valorizada a possibilidade de fazerem o próprio horário, adequando o trabalho doméstico à confecção dos tapetes.

Sobre a possibilidade de trabalhar em uma fábrica de tapetes com carteira assinada, salário fixo, horário e produtividade a serem cumpridos, Luiza comenta: “Se a gente fosse mais nova até que era melhor, mas, pela idade que a gente está, é muita complicação [...] a cabeça da gente já não está ajudando mais, como quando a gente é

mais novo...”. Luíza lembra ainda que, além desse tipo de trabalho ser pesado para a idade, exige muita responsabilidade. Já na opinião de Ventura, ela até daria conta do trabalho, mas não trocaria o grupo por um emprego. Deixar o seu “povo”, afirma, seria muito difícil. Além disso, por ser dona de casa, ter que sair todos os dias num horário determinado é inviável.

Nesse ponto da entrevista, aparece pela primeira vez, na voz de Luíza, o termo ‘idoso’. “O que é ser idoso?” – questiono. Ventura brinca: “É a juventude acumulada, né, Dona Luíza?”. Luíza se explica: “Ser idoso é uma honra pra gente, esses cabelo branco que a gente tem, isso é honra, isso é um tesouro, pelo que a gente já passou pra trás, porque a gente já passou muita dificuldade”.

No que diz respeito aos benefícios resultantes da participação no grupo, Ventura coloca: “a gente chega e tem novidade pra contar em casa, o que passou com a gente, o que aconteceu lá [...], até a minha saúde mudou, [...] eu era caladinha, tinha vergonha até de abrir a boca pra conversar qualquer coisa”; Luíza ressalta o aumento das amizades e os passeios que ela não costumava fazer, porque toda vida foi muito caseira. As duas comentaram sobre o orgulho que dá quando são elogiadas em feiras onde expõem o trabalho ou mesmo quando os familiares reconhecem o valor do que fazem.

“Lá em casa, quando eu faço os meus tapetes, os meninos cada um chega lá, elogia, o que pra mim levanta o astral. A gente chega lá, quando a gente vai na segunda-feira, ‘Ah, Ventura, seu tapete ficou lindo!’, aí parece que se a gente estiver sentindo alguma coisa a gente até sara na hora.” Novamente, não se fala em dinheiro. Ventura só faz destacar as vantagens terapêuticas do Grupo Convivência. Ela até mesmo já convidou algumas vizinhas para integrarem o grupo porque acredita que, da mesma forma que foi

bom para ela, pode ser também para outras pessoas. Descreveu desconsolada a postura das vizinhas: “Por exemplo, acaba de fazer almoço, às vezes não dá conta nem de lavar as vasilhas, vai deitar e dorme o dia inteiro, ali num está vendo nada, né? E se for pra lá, ia aprender, ia distrair, ia melhorar igual eu melhorei também, né? Tudo de bom que eu aprendi lá, elas também podiam aprender. Mas elas não animam...”.

Finalizando a entrevista, declaram que não conheciam a D. Dochinha antes de entrar para o Grupo. Luíza diz não ter muito contato com ela. Ventura, ao contrário, dá a entender que tem mais intimidade com a “dona do Grupo Convivência” – papel que ambas atribuem a Dona Dochinha.

Durante a escrita desta análise, observei a falta de alguns dados importantes que obtive posteriormente por telefone. Ventura morou na roça quando criança e só estudou até a 3ª série, porque, para fazer a 4ª série, precisaria deslocar-se até uma cidade um pouco distante e encontrar um lugar onde pudesse morar durante a semana. “Eu não conseguia ficar longe da minha mãe” – explica ela. Já Luiza nasceu em Inhaúma e estudou no único grupo escolar do local, onde só havia até o quarto ano primário. Aos 12 anos foi para Sete Lagoas e já começou a trabalhar para ajudar em casa. Não teve condições de freqüentar a escola novamente.

a) **As Meninas do Alho**



FIGURA 5 - Maria da Conceição – descascadeira de alho



FIGURA 6 - Natividade – descascadeira de alho

No dia seguinte, 15 de julho de 2004, quinta-feira, lá estava eu, de volta à periferia de Sete Lagoas. Dessa vez, eu pretendia reunir três descascadeiras de alho

levando uma delas até o bairro das outras duas. Essa entrevista, em especial, não era uma certeza, mas uma possibilidade, porque, na época, a fábrica de tempero estava parada por falta de verba para a compra de matéria-prima, e a única forma de contato com as descascadeiras era ir pessoalmente a suas casas, pois elas não têm telefone. Eu havia feito isso aproximadamente uma semana antes da entrevista. Numa permuta com o Grupo Convivência, dispus-me a levar um funcionário, de carro, até as casas das “senhoras do alho” em troca de saber onde moravam e sondar a respeito da entrevista.

Esse tipo de escambo não foi uma metodologia predefinida, mas aconteceu várias vezes e acabou tornando-se uma estratégia muito benéfica para ambas as partes. Enquanto eu ajudava, dava assistência ou prestava algum serviço, eu aprendia sobre o grupo, convivia com seus participantes e coletava dados para esta pesquisa. Essa troca constante me afastou de um modelo de investigação que não me agrada, no qual o pesquisador apenas explora, extrai e leva suas conclusões para o meio acadêmico, sem nada deixar, acrescentar ou contribuir.

Como estava dizendo, na semana anterior à entrevista das descascadeiras de alho, visitei suas casas e, em vão, tentei agendar um encontro com três delas. As respostas eram semelhantes: “passa aqui na parte da tarde, qualquer dia desses, se eu estiver aqui...”. Foi o que eu fiz. Na quinta-feira, à tarde, busquei Natividade em sua casa e nos dirigimos para a residência de uma de suas colegas. Batemos no portão, aguardamos por uns minutos, voltamos a bater e a aguardar, mas demos azar, ela não estava em casa. Fomos então até a casa de Maria da Conceição, no quarteirão seguinte. Cruzei os dedos torcendo para que estivesse em casa, seria um transtorno perder a viagem. Toquei a campainha e Conceição apareceu na porta. Respirei aliviada, haveria entrevista.

Estabelecemos-nos no alpendre, onde a iluminação era melhor, mas a interferência sonora às vezes nos obrigava a parar e esperar. Natividade e Conceição sentaram-se num banco e eu posicionei a câmera do outro lado, no muro da varanda.

Fiz a mesma introdução antes de ligar a aparelhagem. Expliquei o porquê de tudo aquilo, quem era eu, o que estava fazendo. Percebi nelas, principalmente na anfitriã, um olhar algo desconfiado. Fizeram-me umas poucas perguntas e, em seguida, pedi autorização para começar a gravar. O roteiro usado foi o mesmo, embora eu não tenha ficado restrita a ele, uma vez que me sentia mais à vontade no papel de entrevistadora.

Nessa entrevista, a mais descontraída foi Conceição. Estava tão à vontade que se levantou no meio da Gravação para fazer-nos um café. Entretanto, no geral, Natividade foi quem melhor compreendeu as perguntas e deu depoimentos mais ricos.

As duas trabalham na fábrica de tempero há 11 anos. Quando pergunto pela profissão delas, a resposta não inclui essa atividade. Maria da Conceição fala em “serviço grosseiro de casa”, desmerecendo a atividade. Diz que já foi lavadeira e passadeira, mas que agora não agüenta esse trabalho pesado por causa de um problema de coluna. Natividade também já passou e lavou para os outros e trabalhou muitos anos tomando conta de uma casa, fazendo faxina, cozinhando, arrumando, etc. Quando casou, o marido não a deixou trabalhar e, quando ficou viúva, já não conseguia mais emprego, porque, segundo ela, não se acha mais trabalho fixo de lavadeira, pois todo mundo tem máquina de lavar em casa. Atualmente, as duas se dizem apenas donas de casa, nem cogitam a profissão de descascadeiras de alho, que é a única atividade que lhes gera renda. O que elas ganham com o alho não é fixo, mas geralmente é o suficiente para pagar uma conta de água ou de luz, em torno de vinte, trinta reais por mês.

Ambas foram criadas em zona rural. Trabalharam quando pequenas na roça, mas o dinheiro era dos pais, elas nem sabiam quanto recebiam. Natividade estudou até o quarto ano primário. Maria da Conceição nunca foi à escola, pois o pai não deixava mulher estudar para não aprender a ler ou escrever carta para namorado. Depois de adulta entrou no Mobral, “mas não adiantou de nada, não” – afirma.

A breve história de suas vidas, o semblante mais castigado pelo trabalho braçal e a linguagem apontam diferenças socioeconômicas e culturais em relação às tapeceiras. É interessante observar que a relação com o trabalho, com o lazer, com as colegas, com a vizinhança e com o Grupo Convivência é outra. Mais adiante traçarei um paralelo entre as duas entrevistas.

Continuando, Natividade ainda se sente capaz de trabalhar lavando roupa ou em qualquer outra atividade. Soube por uma vizinha que a Prefeitura de Sete Lagoas estava contratando garis e ficou logo interessada. Nem quis, no entanto, pleitear uma vaga, pois, em sua opinião, não a aceitariam por causa da idade. “Eu fico com medo de chegar lá e eles falar: você de idade não dá pra isso mais não, pra ser fichada a idade não dá. [...] Tudo quanto há agora tem idade, tem leitura, né?! Uns têm que ter primeiro grau, sei lá, qual servicinho tem que ter primeiro grau... às vezes tem que ter ginásio”

Como Natividade se referiu à falta de instrução como um empecílio para conseguir um emprego, eu quis saber por que elas não voltavam a estudar. As duas deram boas gargalhadas, como se eu estivesse dizendo uma piada. Maria da Conceição declara não ter cabeça, não ter coluna e nem vista para estudar. “Só a cachopinha (referindo-se ao corpo como carcaça) que está aqui. Mal, mal pra cascá um alho, e olhe lá” – conta caindo na risada. Natividade comenta que diz aos filhos: “Estudar pra quê? Eu tô na hora de

morrer. Estudar mais pra quê? Eu não vou achar serviço que presta. [...] Depois de velha caçar estudo, não tem jeito, não. Ir lá pra quê? [...] Fica gastando tempo à toa”. Afirma ainda que é difícil demais estudar depois de velha, que quase não enxerga e não tem dinheiro para comprar óculos.

A melhor situação financeira é a de Maria da Conceição: é proprietária da casa onde moram com ela uma filha e dois netos. Recebe a pensão do marido, no valor de um salário mínimo, e consegue pagar suas contas. Atualmente, trabalha porque para ela a vida não é só comer, precisa de um “dinheirinho” para uma roupa, para um remédio, para pagar as contas de água e luz. Possui até um pequeno comércio na porta de casa que, segundo ela, não dá dinheiro algum, mas a entretém. Essa fala me chamou a atenção, pois foi a primeira vez que uma delas se referiu ao trabalho como atividade de entretenimento.

Natividade não goza da mesma tranquilidade. Não tem aposentadoria, pois não completou 65 anos, e nem pensão do marido, pois ele não pagava INSS. Não pode parar de trabalhar, porque precisa manter filhos e netos que moram com ela e que ganham pouco ou estão desempregados. Em sua cabeça, quanto mais trabalhar melhor, que é para deixar alguma renda para os familiares continuarem a manter a casa. Então eu quis saber se ela gostaria de parar de trabalhar, caso fosse possível, ou seja, se ela e sua família não dependessem de dinheiro para sobreviver. “Já acostumou, né?! Tendo saúde a gente mexe assim mesmo, até o último dia da gente, tem aquela vontade de lutar. [...] Quem costuma mexer com serviço assim não gosta de ficar parado. [...] É o jeito da pessoa, parece que fica assim mais alegre. [...] A gente tá sabendo que a gente está movimentando, tem aquela alegria onde é que a gente está, às vezes com alguma pessoa junto, ali, né, mexendo com aquele serviço, junto com aquelas pessoas... aquilo ali parece que dá mais

vivência pra gente, né?! [...] Eu gostaria de toda a vida mexer com qualquer coisa”. Para Natividade, a convivência com as colegas de trabalho a mantém mais informada e, se fica parada, sente-se inválida, como se não tivesse as mãos. “A gente fica parecendo que está morta dentro de casa” - afirma.

Também não faz parte do imaginário de Maria da Conceição parar de trabalhar. “Mover o corpo” – expressão usada para caracterizar o trabalho –, desde que se tenha saúde para isso, ele é muito bom. Mesmo não precisando de dinheiro para a sua subsistência e de sua família, continuaria trabalhando. “Ganhar um trocadinho é bom. [risos]. Ué, com o tanto que ganha, nada num é perdido, não [...]. Pega uns trocadinhos aqui, uns trocadinhos ali, tudo, no fim, tudo junta, pra gente que é fraco tudo ajuda, tudo serve” – justifica.

Na casa de Natividade moram mais sete pessoas, duas filhas e cinco netos. A filha mais nova é empregada doméstica, mas está sem trabalho. A mais velha vende peça íntima, ganha muito pouco e tem problemas de saúde. Ambas são da opinião de que Natividade deveria parar de trabalhar. Ela reage dizendo: “Ué, de que que vale eu parar? Eu sei que eu preciso dos trem dentro de casa. Eu não posso ficar só esperando os outros – referindo-se ao pai dos netos e às filhas. [...] Tem hora que não tem o jeito, uai! Igual ela – a filha caçula–, coitada, desempregada. Como é que eu vou ficar parada? Eu tenho que caçar um jeito, um trem pra poder ajudar, né?”.

Natividade é proprietária da casa onde vive. O pai dos netos compra comida para as crianças. O dinheiro para a conta de água, de luz, algum remédio ou mesmo uma peça de roupa, ou um calçado, vem do trabalho de sua filha como doméstica e do seu como descascadeira de alho. Quando qualquer uma dessas fontes de renda falha, eles ainda têm

o que comer, ou seja, sobrevivem, mas não pagam as contas. Por exemplo, desde que a filha está desempregada, há uns três meses aproximadamente, não pagam a conta de luz, que já foi inclusive cortada. “Nós tamo lá no escuro, lumiando com as velinhas.” – diz.

Sobre o Grupo Convivência, Conceição fala abertamente que não o entende. Queixa-se da falta de união e solidariedade e da falta de uma assistência de saúde. Na sua opinião, um grupo que atende pelo nome de Convivência deveria promover esse tipo de rede social, na qual uns apóiam os outros. Deixa claro que, embora o discurso da mentora do grupo destaque o lazer e o bem-estar, ela está trabalhando para ganhar dinheiro. “Falam que lá que é pra poder a pessoa divertir e distrair. Bom, eu vou porque eu preciso de ganhar uns trocadinhos. Mas por conta de distrair, divertir, eu não vou sair de casa para ir a lugar nenhum, não. Cê tá ali trabalhando, fazendo um pouquinho, mas cê tá divertindo mesmo, porque uma conta um caso, outra conta outro, mas ocê tá trabalhando ali, ganhando qualquer um tiquinho, né?! Já serve!” – explica. A própria vizinha que a levou para o Grupo Convivência usou desse argumento: “ganha um trocado, descansa a cabeça”.

Natividade também foi apresentada ao grupo por uma vizinha com o mesmo apelo: uma oportunidade de trabalho remunerado. A importância do grupo para ambas está vinculada à garantia do serviço, da renda (ainda que pouca), às coisas que elas aprendem e também à convivência.

Não têm muita clareza sobre a estrutura e as atividades do Grupo, bem como a função de cada um. Sobre o lazer, falam com certa estranheza da dança sênior, que praticavam, não com muita regularidade, uma vez por semana. Natividade explica com simplicidade que é uma “ginasticazinha”, com uma “musiquinha”, para movimentar os

braços e as mãos, idéia de Dona Dochinha. Durante a fala da colega, Conceição não disse uma palavra, mas manteve no rosto um sorriso meio debochado. Questionei o seu silêncio repentino e ela, então, comentou: “Tinha hora que eu não conseguia fazer nada. [...] Outra hora eu ficava quieta olhando os outros.” Acredito que a atividade não era muito aceita porque se sentiam incompetentes na coordenação motora. Erravam muito, envergonhavam-se e riam de nervoso por não acompanharem as marcações da dança. Comprovei o grau de dificuldade dessa atividade física participando de uma das aulas. É excelente, trabalha a lateralidade, a noção de espaço, o controle de braços e pernas, a memorização das coreografias, o ritmo e a concentração, mas é um grande desafio pelo nível de consciência corporal que exige. No caso específico de Conceição e Natividade, que não têm costume de usar o corpo dessa forma e que mal aprenderam a brincar, a ter lazer, a professora precisaria ter muito tato para não fomentar o sentimento de incapacidade que lhes é característico. Conceição, principalmente, julga-se incapaz de exercer qualquer atividade que não seja o serviço “grosseiro” de casa. Foi por isso, inclusive, que, no Grupo Convivência, ela optou pelo alho e não pela tapeçaria. Outra dificuldade que a professora de dança sênior enfrentaria seria explicar-lhes os benefícios da atividade. Como desconhecem para que serve essa dança, acham-na uma bobagem, “bonitinho”, mas uma perda de tempo desnecessária. Além disso, as descascadeiras de alho mostram-se bem mais competitivas e individualistas: é cada uma por si na vida e no trabalho. Não é de se estranhar que uma dinâmica de grupo, na qual dependem umas das outras e expõem suas habilidades e deficiências, seja difícil para elas.

Descascar alho, não é uma atividade criativa, mas um exercício de repetição bastante monótono e até sacrificante. “Eu desejava que você descascasse um quilo de

alho para você saber o que que é o valor de uma cascadeira de alho. Tem umas que tiram até sangue nas mãos.” – falou-me Conceição, mostrando as mãos manchadas da colega. O alho solta substância que queima a pele e deixa marcas. Mas ainda assim elas dizem gostar do que fazem. “Eu tô triste porque nós não estamos trabalhando...” - disse Natividade

O trabalho das descascadeiras é individual. Cada uma descasca a quantidade de quilos que for capaz e recebe proporcional a sua produção. Quem é mais esperto na faca ganha mais porque faz mais. Não se ajudam, como no caso da confecção dos tapetes. Decidi provocá-las. Perguntei se não seria melhor se todas descascassem juntas todo o alho comprado e depois dividissem o seu valor em dinheiro igualmente. “Ah, não, cada um pegar o seu é melhor. [...] Se ocês tudo cascou cinco, seis e eu casquei dois quilos, problema meu, eu que sou mais mole (gargalhadas). Depois ficam falando que eu sou faladeira!” – diz Maria da Conceição. “Se for pra dividir assim dá mais problema, dá briga.” – comenta Natividade.

O trabalho também não conta com uma supervisão. A responsabilidade pela qualidade é de cada uma delas. Elas chegam na fábrica pela manhã, já sabem o que fazer. Quando terminam, vão embora. Se precisarem sair mais cedo, saem. Se não puderem ir naquele dia, faltam. Ora trabalham uma vez por semana, ora duas ou três, depende da demanda e da compra de matéria-prima. A informalidade desse trabalho é devidamente valorizada quando comparada às exigências de um emprego convencional numa empresa de temperos. Ressaltam a vantagem de ter um salário fixo, mas lembram que teriam que cumprir um horário, dar satisfação para um superior, e que não poderiam faltar quando precisassem fazer outra atividade.

As duas, em suas casas, usam o tempero que fazem, mas têm de comprá-lo do Grupo Convivência. Nunca venderam seu próprio tempero porque, segundo elas, na rua onde moram ninguém compraria delas, prefeririam adquiri-lo no supermercado, porque vizinho não quer ver o outro bem. “Não gostam de dar renda para a gente” – explica Natividade.

Quanto às implicações de fazer parte do Grupo Convivência há onze anos, não souberam dizer muito. Falaram da garantia de um serviço e só. “Num mudou quase nada.”- disse Natividade com respeito a sua vida. Na pergunta seguinte, uma surpresa. Maria da Conceição justifica que indicou o Grupo para uma vizinha porque esta tinha ficado viúva, havia pouco tempo, e estava triste, sozinha e com muitos problemas de saúde. Estranhei sua argumentação. Até então só as tapeceiras haviam destacado os benefícios terapêuticos de participar do Grupo. Insisti em que me explicasse como o Grupo ajudaria sua vizinha a melhorar e ela completou: “Porque lá ela ficava no meio de gente, distraía, né, pronta com um, pronta com outro, né?”. Natividade ainda conta que a própria vizinha diz sempre que lá no Grupo ela se divertiu e ficou mais alegre. Eu então aproveitei o ensejo para concluir diante delas que o Grupo podia não ter provocado nenhuma mudança em suas vidas, mas que na dessa vizinha sim. Foi graças a essa comparação que surgiram declarações enaltecendo as amizades que fizeram e a sensação de paz pelo convívio com pessoas de seu agrado. Natividade se abre dizendo; “Eu ficava muito quieta, muito sozinha, tinha os meninos, mas é a mesma coisa que não ter, eles não param dentro de casa, não liga muito pra gente não, eles estão novos querem caçar a turma mais nova”.

A entrevista termina com a seguinte pergunta: o que é ter sessenta, setenta anos? As duas caem na risada. Eu explico que não tenho essa idade e peço para que a definam para mim. “Você acredita que eu tenho ela e não sei!” – retruca Maria da Conceição. “Tá véia” – continua – “cada dia que passa você fica mais velha um tiquinho. Cada dia, cada noite que cê dorme cê fica mais velha um tiquinho”. Conceição descreve o conceito de envelhecimento como um processo contínuo, ao longo da vida, que começa na infância. “Da idade que ocê tá, ocê é nova. Mas ocê num tem resistêcia igual ocê já teve de criança, de menina. Te garanto. E aí, cada vez que você ficar mais... vai aumentando a idade né Dona... por si cê vai enfraquecendo sem sentir. Você vai ficando fraca das forças [...] vai enfraquecendo é tudo!”. Não era de se estranhar que ela se ativesse apenas ao aspecto físico do envelhecimento. O restante mantém-se como sempre foi, ou seja, ela trabalha, sustenta a casa, existem familiares morando com ela e eles a respeitam. “A minha obrigação que eu fazia com eles eu ainda faço a mesma coisa [...] graças a Deus ainda tô dando conta de fazê.”

## **f) Meninas do Alho x Meninas do Tapete – uma análise de vários pontos**

“Não existe uma velhice semelhante entre duas pessoas diferentes organicamente, e a vida experimentada por cada uma contribui para uma diferenciação ilimitada entre idosos.” (MORAGAS, 1997) O envelhecimento possui, portanto, uma dimensão individual, fruto da herança genética e da história de vida de cada sujeito.

As quatro mulheres entrevistadas nesta pesquisa mostraram vivenciar essa experiência – a de envelhecer –, de maneira diversa. As duas descascadeiras de alho, por exemplo, destacaram os aspectos fisiológicos do envelhecimento. A redução das habilidades físicas parece caracterizar o que entendem por envelhecer. Maria da Conceição fala até do envelhecimento como um processo vital responsável pela perda gradual das potencialidades do corpo: memória, visão e força muscular. A história de vida de ambas revela uma particularidade: são mulheres vindas da zona rural.

Acostumadas desde pequenas ao uso da força física como instrumento de trabalho, Maria da Conceição e Natividade têm o corpo como um termostato do envelhecimento. E, quando o corpo dá sinais de desgaste, não mede apenas o quão velhas estão, mas também o quanto estão impossibilitadas de trabalhar, afinal, trabalhar é traduzido como “mover o corpo”, “mexer”, “estar movimentando”. O envelhecimento é, por assim dizer, o vilão que as obriga a parar de produzir.

O Grupo Convivência estaria, então, oferecendo-lhes indiretamente uma oportunidade de “combater” o envelhecimento através da atividade corporal. Mas não uma atividade de lazer como a dança sênior, esta não possui o mesmo valor para elas. É importante que tenha o *status* de trabalho, ou seja, a atividade deve resultar numa

produção e gerar renda, ainda que mínima. Dessa forma, o envelhecimento é burlado em múltiplas dimensões. Socialmente elas permanecem ativas, psicologicamente elas se sentem estimuladas, biologicamente elas ainda estão “dando conta” e na família elas ocupam o mesmo papel de sempre.

Nesse pequeno núcleo também encontramos diferenças. Natividade, aos 61 anos, sente-se capaz de realizar uma atividade física mais intensa, varrer rua, por exemplo, mas acha-se limitada socialmente por não encontrar oportunidades no mercado de trabalho. Em algumas situações, ela presume que não há possibilidade de ser contratada por ter mais de 60 anos e, em outras, ela constata que os avanços tecnológicos diminuíram a necessidade de mão-de-obra.

Maria da Conceição, por sua vez, aos 72 anos, diz-se definitivamente incapaz de trabalhar lavando roupa ou em qualquer outra atividade que exija muito esforço físico, devido a seu problema de coluna. “Mal, mal pra cascá um alho, e olhe lá!”- responde ela.

Na casa de Natividade vivem sete parentes, como seus dependentes, dentre os quais há cinco netos menores de 14 anos. Sem os benefícios de uma aposentadoria ou de uma pensão, a família mantém-se com a renda das duas filhas e de Natividade. Como a filha mais velha tem problemas de saúde, que a impedem de conseguir um emprego, trabalha como vendedora autônoma, mas tem um lucro tão pequeno que praticamente não contribui em casa. A filha mais nova trabalha como doméstica, mas nem sempre está empregada. O dinheiro que Natividade recebe do Grupo Convivência é usado ora para completar a renda familiar, ora como o único sustento da casa. Tendo em vista essa situação, podemos dizer que ela trabalha pela renda, porque precisa suprir as

necessidades básicas da família. A subsistência aparece, então, como um forte estímulo para seguir ativa e não sucumbir diante do envelhecimento.

Já Maria da Conceição não depende da renda do alho como Natividade. Recebe mensalmente a pensão do marido, que corresponde a um salário mínimo. Moram com ela uma filha e dois netos. O neto mais velho é o único morador que trabalha, além de Conceição, mas não tem emprego fixo. O dinheiro da pensão é suficiente para sustentar os quatro e o que ela recebe do Grupo Convivência é um complemento.

Na fase atual, os trabalhos que exigem muito do corpo são para Maria da Conceição um sacrifício que só se justifica se houver um retorno financeiro, porque ela sente muitas dores ao forçar a coluna. Descascar alho pode não ser uma atividade tão pesada, mas implica ficar horas e horas sentada, na mesma posição, o que é sacrificante até para quem não tem problema de coluna. Logo, o que leva Maria da Conceição a deslocar-se até a fábrica do Grupo Convivência e trabalhar descascando alho é também a renda, que não tem por finalidade sua subsistência, como é o caso de Natividade, mas outros gastos como roupas, remédios, etc. Ela também trabalha por entretenimento – distração – em seu pequeno comércio na porta de casa, que não dá lucro nem a desgasta fisicamente.

Resumindo: Natividade e Maria da Conceição não têm a mesma idade, embora sejam consideradas idosas por terem mais de 60 anos; ambas trabalham objetivando a renda, embora tenham necessidades diferentes; exercem a mesma função, mas não têm as mesmas limitações físicas e não se sentem igualmente aptas para realizar algumas atividades. Ainda que tenham aspectos comuns, não se trata de velhices idênticas.

Por outro lado, se comparadas às velhices de Maria Ventura e Luíza, as tapeceiras, as discrepâncias são ainda maiores. Maria Ventura frequenta o grupo de terceira idade aos 58 anos e sente-se fisicamente disposta para trabalhar. Nesse ponto se parece bastante com Natividade. Ventura, no entanto, é casada e seu marido, aos 62 anos, recebe uma aposentadoria de um salário mínimo. Em sua casa moram quatro filhos adultos – todos trabalhando – e um neto de cinco anos. A renda da casa gira em torno de cinco salários. Quando diz que trabalha para ajudar em casa, não significa pagar as despesas básicas de comida, água e luz, mas comprar um remédio, pagar gastos eventuais. No quesito econômico, então, das quatro entrevistadas, Ventura encontra-se incomparavelmente em melhor situação. Talvez por isso ela consiga conceber o trabalho como sendo uma terapia.

Luíza, tapeceira de 71 anos, é praticamente da mesma idade que Maria da Conceição, apenas um ano mais nova. Ela também não se sente apta para realizar algumas atividades de trabalho, mas, ao contrário de Conceição, não é a fadiga do corpo que a impossibilita e sim um declínio cognitivo leve, outra provável consequência do processo de envelhecimento. Também viúva, recebe de pensão o mesmo que Maria da Conceição, um salário mínimo. Em sua casa, contudo, moram três filhas, quatro netos e um bisneto. Uma das filhas está empregada em um estacionamento e ganha um salário que, juntamente com a pensão de Luíza, perfazem quase toda a renda familiar. Uma outra filha e a neta mais velha fazem *biscuit* para vender, mas não contribuem em casa porque ganham muito pouco.

Quando o marido era vivo, Luíza trabalhava para ter uma ocupação que a distraísse. Agora diz trabalhar para completar a renda da casa, mas, como sua colega

Ventura, confessa que também trabalharia sem receber e continuaria a trabalhar mesmo que não precisasse da renda, porque o trabalho a distrai e descansa a cabeça.

As duas tapeceiras reconhecem com mais facilidade as qualidades terapêuticas do trabalho. As suas histórias de vida explicitam uma relação mais amena com essa experiência. Ventura, por exemplo, sempre trabalhou como dona de casa. Já Luíza, enquanto era solteira, trabalhou em uma fábrica de tecidos (por nove anos) para ajudar a mãe que era viúva e, depois de casada, passou a ser dona de casa.

O trabalho, por não estabelecer uma relação tão direta com a força física, não é associado ao envelhecimento. Elas envelheceram e ainda assim continuam fazendo as atividades do lar. Quando descrevem o que significa ser idoso, não falam do cansaço do corpo ou da perda das habilidades, mas da honra de levar na cabeça alguns cabelos brancos que testemunham os obstáculos superados e a experiência adquirida. E o trabalho é visto principalmente como uma ocupação promotora de saúde mental. O Grupo Convivência, portanto, estaria oferecendo indiretamente a essas uma oportunidade de alcançar o bem-estar e ter uma vida social na velhice, através do trabalho artístico.

Se existem sujeitos biologicamente diferentes, com experiências de vida ímpares, precisaremos de atividades diversas para atendê-los. Não significa que as descascadeiras de alho não sejam adequadas para o trabalho artístico e vice-versa. Mas, para desenvolver novas habilidades em pessoas de idade avançada, será preciso pôr em prática um projeto educativo que aborde não somente o ofício pretendido, mas também a concepção de velhice e de envelhecimento dos idosos envolvidos. E isso leva tempo.

Eloisa Adler Scharfstein (*apud* PY, 2004), doutora em Psicossociologia e especialista em Gerontologia, defende a importância da educação permanente para esse

segmento populacional e explica: “Os limites de uma educação para idosos referem-se, sobretudo, aos fatores sociais, histórico-culturais e psicossociais que legitimaram a impossibilidade do ensino e da aprendizagem na idade avançada.” Segundo a autora, o problema maior reside na insegurança do idoso, e não tanto no declínio de suas faculdades cognitivas.

Grande parte das pessoas com mais de 60 anos mantém um discurso como o de Natividade : “Estudar pra quê? Eu tô na hora de morrer!”. Outras idosas se diriam desmotivadas a aprender pelas mesmas dificuldades encontradas por Maria da Conceição: um corpo maltratado pelo trabalho braçal de uma vida inteira, sem controle motor fino para pegar num lápis, sem visão para a leitura, sem memória para a fixação das informações. Idosas que, como Ventura, idealizam voltar a estudar e estão abertas a todo tipo de aprendizagem são mais raras que essas outras.

Jeanete Martins de Sá (*apud* PY, 2004), coordenadora da Universidade da Terceira Idade da PUC-Campinas, nos chama a atenção para a necessidade de traçar três perfis dos idosos envolvidos num projeto de gerontologia educacional: o *perfil real*, obtido a partir de um diagnóstico, com as condições concretas do meio em que vivem, às quais estão sujeitos; o *perfil potencial*, que consiste nas habilidades acumuladas ao longo da vida e nos anseios ainda não saciados; e o *perfil Ideal*, que é aquele que se pretende alcançar com a ação educativa.

A estrutura do Grupo Convivência revela que esses perfis foram considerados. Dona Dochinha, com sua visão privilegiada sobre o processo de envelhecimento, soube selecionar e adequar as atividades, mostrando conhecer muito bem seus beneficiários e a bagagem que possuem. Em nosso primeiro contato, ela me explicou que os panos de

cozinha não eram bordados porque o ponto de cruz exige muito da vista, e esta deve ser usada com parcimônia para evitar problemas ou não agravar os já existentes. Além disso, exige também muita concentração, o que impossibilitaria as idosas de conversarem e se socializarem durante o trabalho. Elas normalmente já não têm com quem conversar e vivem uma realidade bastante dura, na qual há poucas oportunidades para diversão. O bico de tricô, segundo D. Dochinha, foi a solução ideal, mesmo fugindo às tendências do mercado com um produto mais simples, porque as senhoras poderiam fazê-lo rindo e contando suas histórias. O ambiente ficaria mais descontraído, o trabalho se tornaria um entretenimento e a alegria delas se converteria em saúde física e mental. O bem-estar e a renda garantiriam um aumento na qualidade de vida, fundamental para a promoção humana almejada pela diretora do Grupo Convivência.

Por trás de cada atividade há uma gama de argumentos como esses, baseados na sabedoria de vida de Dona Dochinha. Contudo, embora a estrutura esteja impregnada com sua filosofia, os responsáveis pela execução do projeto não a têm tão internalizada. Pelo menos foi o que pude observar enquanto acompanhava o Grupo: atividades sem uma coordenação constante, coordenadoras preocupadas apenas com o trabalho enquanto produção, voluntários sem nenhuma experiência no trato com idosos.

Talvez seja esse o ponto mais frágil de todo esse belíssimo projeto. O que foi idealizado por Dona Dochinha e os princípios que a orientaram estão encerrados em sua pessoa. Os demais responsáveis pelo grupo, ao se preocuparem por demais com a geração de renda, esquecem-se de que a qualidade de vida possui outras dimensões. O dinheiro é importante, mas não é o único benefício que as idosas almejam em um grupo chamado Convivência. Maria da Conceição explicita isso quando diz: “Meu modo de pensar é

assim: o Grupo Convivência vai mexer com pessoa idosa, né, tinha que ter uma ajuda se [...] precisa de um remédio, o grupo junta e dá um remédio pra pessoa; até hoje nunca, nunca aconteceu!”. Natividade completa: “A convivência é isso, né?!”.

A solidariedade, o divertimento, o convívio, a atualização são aspirações às quais as idosas atribuem o mesmo valor que à renda, ou até mais. As quatro entrevistadas responderam que trabalhariam ainda que não precisassem do dinheiro; duas delas responderam que trabalhariam sem receber; e nenhuma abandonou o Grupo em época de crise, quando trabalhavam sem receber ou recebendo muito pouco.

Por que um grupo criado sobre o eixo do trabalho receberia o nome Convivência? Essa foi a pergunta que as entrevistadas me ajudaram a responder ao contrapormos a renda e os valores citados no parágrafo anterior. Compreendi que a motivação inicial, quer dizer, o que as leva a participar do Grupo, num primeiro momento, é o fato de conseguirem um trabalho remunerado dentro de suas condições físicas e mentais. Uma vez inseridas no projeto, elas são mais ou menos despertadas para as outras dimensões, segundo o tipo de influência que recebem.

A grande formadora de opinião é Dona Dochinha. As que mantiveram um contato mais intenso com ela falam da velhice de forma especial. São positivas, têm a auto-estima elevada e demonstram maior disposição para viver essa etapa e superar seus obstáculos. Geroliza, a idosa que deu origem ao grupo, é um exemplo desse poder educativo de Dona Dochinha. Contagiada pelo alto-astral e a vontade de viver desta, Geroliza saiu de uma depressão e atua hoje em diversos grupos de ação social. Outra idosa, que não tive oportunidade de entrevistar, comentou em conversa informal o quanto era grata a Dona

Dochinha por haver aprendido com ela uma nova forma de encarar a vida que lhe parecia tão pesada por causa da surdez parcial que lhe acometeu na velhice.

Desde que o Grupo tomou maiores proporções, o que o levou a separar-se fisicamente em três unidades, Dona Dochinha viu-se obrigada a ocupar-se das questões administrativas. Afastou-se, portanto, do contato direto com as idosas, participando cada vez menos das oficinas e, com isso, semeando de forma restrita sua filosofia de vida entre o grupo. As mais prejudicadas com essa mudança foram as da fábrica de alho, pois esta se encontra num bairro distante e de difícil acesso para Dona Dochinha. Coincidentemente, são as descascadeiras de alho que demonstram estar insatisfeitas com o Grupo. O fato de não terem uma coordenadora acompanhando o trabalho em tempo integral deixa-as ainda mais desamparadas.

As coordenadoras também exercem essa influência sobre as idosas. A maneira como atuam advém do que pensam sobre a vida e o envelhecimento. Logo, elas deveriam estar em sintonia com Dona Dochinha, pois em sua ausência cabe a elas fomentar a filosofia do projeto. Estão preparadas para isso? – me pergunto. Dificilmente. Sem contar com uma formação específica e encontrando-se esporadicamente com a mentora do Grupo apenas para discutir questões administrativas, é praticamente impossível que estejam aptas para exercer o papel de educadoras para o envelhecimento.

O desafio que então se coloca para esse projeto de Dona Dochinha é lograr uma coesão filosófica entre a equipe e desenvolver um projeto educativo. Seriam imprescindíveis reuniões regulares para se discutir sobre o *perfil ideal*, ou seja, sobre o perfil de velhice e de envelhecimento que elas querem promover com esse trabalho e também para a elaboração de estratégias a serem aplicadas nesse sentido.

Esse desafio torna-se ainda mais complexo ao lançarem mão do serviço voluntário. A inconstância do voluntariado somada a seu despreparo é extremamente prejudicial ao projeto. As coordenadoras do Grupo Convivência são todas voluntárias. A descontinuidade do trabalho fica evidente na fala de Natividade ao referir-se à tentativa de uma das sucessivas coordenadoras da fábrica de tempero para solucionar o problema das queimaduras causadas pelo alho: “A que ia arrumar uma luva de couro pra nós saiu”. Essa questão se estende há pelo menos 11 anos, sem ter sido resolvida até então.

Pedro Paulo Monteiro (2003a), fisioterapeuta e mestre em Gerontologia, conclui que a formação de grupos é uma metodologia adequada quando se trata de promover mudanças no conceito de velhice. Ele se justifica dizendo:

Em processos coletivos há a possibilidade de se trocarmos pontos de vista, desconstruir concepções de mundo reproduzidas e construir novos paradigmas, resgatar o direito à palavra e à elaboração do próprio pensamento, realizar a troca de pontos de vista, expressar sentimentos e emoções, partilhar questões em comum, contextualizar-se no tempo e no espaço, enfim, experienciar, de forma bem concreta, os requisitos de uma cidadania. (MONTEIRO, 2003a, p. 150)

Concordo com o autor, mas acrescentaria uma informação: os processos coletivos não funcionam por si só, demandam líderes, animadores, que estimulem constantemente o movimento de mudança, de troca, de aprendizagem, de crescimento. Do contrário, o grupo não passaria de um amontoado de pessoas vivendo individualmente no mesmo espaço-tempo.

Um exemplo da sobrevivência do individualismo em detrimento da formação do grupo é a fábrica de temperos. Cerca de dez senhoras se reúnem três dias por semana para descascar alho. Cada uma separa seus quilos de alho, assenta-se com sua bacia e sua faca e faz o seu trabalho independente das demais. Quem termina primeiro vai para casa,

quem descasca mais recebe mais, as que são faladeiras falam e as caladas se calam. Como esse agrupamento por si só pode contribuir para mudanças de pensamento acerca da velhice?

Uma liderança com olhar atento, informada e sensível, também poderia contribuir para a formação da autonomia, indo na contra-mão da nossa cultura, que privilegia a imagem do velho coitadinho, que precisa descansar, que não deve esforçar-se, que já não tem mais idade para uma infinidade de atividades. A perda da autonomia está relacionada ao sentimento de incapacidade proveniente do próprio indivíduo ou do outro em relação a ele. Se o idoso se sente incapaz ou o outro o vê como incapaz, o resultado é o mesmo, alguém agirá em seu lugar.

Até Marco Túlio Cícero, político, filósofo, jurista e orador italiano, que viveu entre 106 e 44 a.C., dizia isso sobre a cultura de sua época: “As leis e os costumes são feitos de modo a dispensarem nossa idade dos encargos que exigem um mínimo de vigor. Assim jamais nos exigem ir além das nossas forças, permitem-nos mesmo permanecer aquém.”

Seria importante, portanto, trabalhar a autonomia das idosas do Grupo Convivência, como forma de ajudá-las a reconstruir a velhice, a ressignificá-la, como, por exemplo, incentivar as tapeceiras a desenhar os próprios tapetes, a escolher as cores, a trazer novas idéias. A repetição no idoso é um movimento já legitimado socialmente, a inovação, a ousadia e a criatividade, não.

No caso específico das senhoras entrevistadas, desenvolver a autonomia significaria ainda reconstruir a imagem de mulher. Acostumadas à submissão, primeiro aos pais, depois aos maridos e ainda aos patrões, elas têm fortemente internalizada a

baixa auto-estima. Por mais profissões que exerçam, elas só são capazes de dizer, e com um quê de vergonha, que são donas de casa. Como não estudaram ou fizeram somente os primeiros anos do ensino fundamental, sentem-se menos, subestimam suas capacidades.

Vera Lúcia Nogueira (*apud* SOARES, 2003), mestre em Educação pela UFMG, descreve em seu artigo a condição feminina de mulheres adultas das camadas populares em busca de escolarização e retrata princípios, hierarquias e valores culturais que determinaram suas vidas. As histórias se repetem. Mulheres tolhidas pelos maridos, mulheres submissas e mulheres desmotivadas, sem estímulo familiar ou social. Algumas dessas mulheres estão entre as idosas atendidas pelo Grupo Convivência e, embora a maioria já seja viúva, ou seja, não tenha o marido como autoridade, ainda sobrevivem a baixa estima e o sentimento de submissão.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

# 1 COMO E POR QUE SURTIU O GRUPO CONVIVÊNCIA?



FIGURA 1 – Instalações do Grupo de Convivência

Em 1972, Alexandrina de Souza Dayrell, a Dona Dochinha, ficou viúva. Seu marido, Geraldo Martins Dayrell, deixara-lhe uma loja de tecidos, brinquedos e artigos de perfumaria na cidade de Sete Lagoas. Ela deu continuidade ao negócio até a sua aposentadoria, em 1978. “Nessa época, os filhos começaram a levantar vôo, uns para trabalhar, outros para estudar, e eu me senti sozinha quando o último saiu [...]. Então eu pensei: eu tenho que começar alguma coisa [...]. Resolvi mudar para BH para fazer um curso de yoga” – comenta ela.

Em 1981, alugou um pequeno apartamento na capital mineira, na Rua Alagoas, onde morou por 4 anos em companhia de Cecília Miranda, uma setelagoana que queria

prestar vestibular, mas a família não tinha condições de mantê-la em Belo Horizonte. Durante esse período, Dona Dochinha teve a oportunidade de conhecer diversas pessoas e experiências relacionadas à alimentação vegetariana, saúde preventiva, etc. Também se associou ao movimento católico dos Focolares<sup>1</sup>, que, segundo ela, a estimulou a não cruzar os braços.

Retornou a Sete Lagoas decidida a reunir as amigas para ensinar-lhes yoga. Dona Dochinha acreditava que, tal como lhe sucedera, a qualidade de vida de suas amigas, também viúvas e sozinhas, poderia melhorar. “No Sesc do centro, na Rua Tupinambás, foi ali que recebi aulas [...], eu descobri que não podia aprender só pra mim, que eu estava muito feliz fazendo yoga e que eu deveria voltar para ensinar minhas colegas de idade.” – comenta ela.

Na garagem de sua casa, improvisou um pequeno salão de yoga e deu início às aulas com uma turma de 20 alunas. Um mês depois, Dona Dochinha aceitou um convite para dar aulas na periferia, para o Clube de Mães que se reunia numa sala da Rádio Cultura de Sete Lagoas. Era 1985, ano em que a semente do Grupo Convivência encontraria terreno fértil.

“Uma velhinha procurou-me dizendo estar se sentindo melhor com a yoga, mais feliz, mas que precisava mesmo de um trabalho fora de casa que lhe gerasse alguma renda.”- relembra D. Dochinha. Era Dona Geroliza – uma senhora viúva, doente, 63 anos e mãe de onze filhos – quem lhe pedia uma ocupação. Preocupada por ser só ela em casa para ajudar os filhos e ainda por ter que cuidar de um filho com epilepsia, que fazia uso de medicamentos constantes, D. Geroliza buscava uma forma de aumentar sua renda.

---

<sup>1</sup> Chiara Lubich é a fundadora desse movimento católico que promove ações sociais no mundo todo. Mais informações no *site* oficial: <<http://www.focolares.org/>>

Acostumada a transformar seu dia-a-dia em pequenas grandes obras de caridade e, mais ainda, a sediar em sua própria casa seus projetos de auxílio ao próximo, não levou vinte e quatro horas para que Dona Dochinha estivesse em sua cozinha ensinando Geroliza a fazer pão integral. Já havia uma pequena clientela. Dona Dochinha costumava comercializar entre os amigos os pães que conseguia produzir. Contudo, a partir daquela data, o lucro do que fosse vendido teria um novo destino: Dona Geroliza.

Logo surgiram outras idosas à procura de uma atividade para complementar a renda do lar ou, em alguns casos, para ser o sustento da casa. Ouviam falar, precisavam de ajuda, estavam dispostas, procuravam por Dona Dochinha e terminavam dentro de sua cozinha, produzindo alguma coisa – maionese de leite de soja, pães, salgadinhos integrais, etc. – e almoçando em sua casa, como se fossem uma grande família. "Acreditei e empurrei todo mundo para dentro de casa. Foi uma zona. Mas percebi o quanto precisava daquilo para sobreviver", diz ela.

Com o aumento da demanda, Dona Dochinha idealizou pela primeira vez a organização de um grupo de idosas menos favorecidas, que trabalhasse coletivamente para melhorar sua qualidade de vida. Convocou as amigas para as quais dava aulas de yoga e colegas do movimento Humanidade Nova do grupo católico dos Focolares e fundaram o Grupo Convivência.

A primeira reunião oficial deu-se aos vinte e seis dias do mês de junho de 1986, às 20h, segundo consta no livro de atas. Nesse encontro inicial foi lido e aprovado o estatuto da entidade, além de definida a primeira diretoria, cujo mandato seria de dois anos.

QUADRO 1  
Primeira diretoria do Grupo Convivência

<p><b>Presidenta:</b> Alexandrina de Souza Dayrell <b>Vice Presidenta:</b> Zilda Paiva Paulino <b>1ª Tesoureira:</b> Lúcia Pereira Rocha Abreu <b>2ª Tesoureira:</b> Dália Rufino dos Santos <b>1ª Secretária:</b> Maria José Barbosa Bahia <b>2ª Secretária:</b> Leomoldina França Abreu <b>Suplentes:</b> Umbelina Barbosa Lanza, Myrtes Souza Viana <b>Coordenadoras:</b> Anita Garibaldi Paulino César, Eurea França, Ilza França Azeredo, Josélia Campolina <b>Conselho Fiscal:</b> Rosana de Matos Silveira, Zoroastro e Ziza, Vanda e Jorge, Raquel e Sônia, Iza e Raimundo, Mercês e Dadá, Emília e Professor Vicente, Ilza Azeredo <b>Assistência Jurídica e Social:</b> Dra. Raquel Maria Barbosa Bahia (advogada) e Rosana de Matos Silveira (assistente social)</p>
---

Fonte: Livro de Atas do Grupo Convivência.

Pude concluir que o Grupo Convivência partiu, portanto, da reação de Dona Dochinha ao sentimento de velhice enquanto inatividade, solidão, ausência de projetos, doenças. Ela buscou, na atividade física, nos cursos de alimentação natural e na religião, meios de combater a sensação de finitude que a viuvez e a independência dos filhos pudesse causar. Ao descobrir-se fortalecida, seus planos de compartilhar a “fórmula” com as amigas tornaram-se sua nova motivação de vida. Ela havia descoberto a importância de não parar, de querer sempre mais e de pensar para frente.

O Grupo é também fruto da abertura de Dona Dochinha a novas experiências, novas aprendizagens, o que a levou aos cursos em Belo Horizonte , posteriormente, às aulas de yoga na periferia de Sete Lagoas e possibilitou que ela tivesse contato com uma outra velhice. Trata-se de uma velhice na qual trabalhar não é apenas uma questão de dar um sentido para a vida, mas também e principalmente uma questão de sobrevivência.

Acostumada a cuidar dos outros, Dona Dochinha encontrou uma forma de ajudar-se e servir, criando condições favoráveis para a promoção humana. Analisando sua

história de vida, é possível perceber que, embora dirigida a outros sujeitos, essa atividade não era nova para ela. Educou onze filhos e alguns amigos deles que freqüentavam sua casa, participou da formação de um grupo de jovens que se reunia também em sua casa e ajudou a outras tantas pessoas, que simplesmente cruzaram o seu caminho, a alcançar seus objetivos. Não houve, portanto, na velhice, um rompimento com o que ela gostava, sabia e estava acostumada a fazer e a ser, mas um redirecionamento.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## CONCEITO DE VELHICE - O QUE É SER VELHO?

A pergunta *O que é ser velho?*, embora ecoe recentemente, vem de tempos anteriores a Cristo. Ao longo da história da humanidade, pintores, poetas, dramaturgos, roteiristas, literatos, escultores, fotógrafos, antropólogos, médicos, sociólogos e psicólogos já se atreveram a expressar o que entendem por ‘ser velho’. Na tentativa de conceituar a velhice, as diferentes áreas do conhecimento teceram múltiplas concepções: a velhice cronológica, a velhice psicológica, a velhice cultural, a velhice social, a velhice fisiológica.

A **velhice cronológica** é o conceito mais simples e mais objetivo porque é um número. Ele representa apenas o tempo de vida contado a partir do nascimento, sem fazer qualquer alusão às marcas que esse tempo e as experiências nele contidas imprimem no sujeito. Simplesmente, quanto mais nos aproximamos da longevidade humana – que os estudiosos afirmam ter variado pouco desde o aparecimento da nossa espécie –, aproximadamente 110 anos, menor é a nossa expectativa de vida e mais velhos somos. Somente nos foi possível estabelecer a velhice cronológica a partir do momento em que começamos a registrar nascimentos e óbitos.

Fazer uso da cronologia para determinar as categorias de idade forma parte de nossa cultura. O promotor de justiça Marcos Ramayana, que lançou o “Estatuto do Idoso Comentado” em 2004, frisa que a Organização das Nações Unidas – ONU divide os idosos em três categorias: os pré-idosos, de 55 a 64 anos de idade; os idosos jovens, de 65 a 79 anos; e os idosos de idade avançada, a partir dos 80 anos.

Essas categorias, entretanto, são uma tentativa de homogeneização e, para tanto, ignoram os aspectos biológicos, sociais, culturais e psicológicos do envelhecimento

individual. Paulo Freire (1995), em seu livro "À Sombra dessa mangueira", faz uma crítica à concepção de velhice, baseada no tempo transcorrido, e introduz o que seria a velhice psicológica

Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser o calendário. Ninguém é velho só porque nasceu faz muito tempo ou jovem porque nasceu faz pouco. Somos velhos ou jovens muito mais em função de como entendemos o mundo, a disponibilidade com que nos dedicamos curiosos ao saber, cuja conquista jamais cansa e cujo descobrimento jamais nos deixa passivos ou insatisfeitos. (FREIRE, 1995)

A **velhice psicológica** ou subjetiva diz respeito a como nos percebemos, à imagem que temos de nós mesmos. Norberto Bobbio (1997), famoso filósofo e jurista italiano, aos 87 anos, escreveu em seu livro *O tempo da memória: de Senectute e outros escritos autobiográficos*: "[...] psicologicamente, sempre me considerei um pouco velho, mesmo quando jovem. Fui velho quando era jovem e quando velho ainda me considerava jovem até há poucos anos. Agora penso ser mesmo um velho-velho."

O envelhecimento psicológico está ligado à nossa personalidade, a como lidamos com os acontecimentos da nossa vida privada e da vida pública. A gerontóloga Rita Oliveira (1999), ao analisar esse aspecto da velhice, escreve:

O que caracteriza a velhice não é a quantidade de anos vividos, nem é o estado das artérias, nem a anormalidade endócrina. O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a desintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho. (OLIVEIRA, R., 1999)

É bastante comum que o velho sinta uma espécie de aversão ou medo ao que é novo, ao que ele se julga incapaz de compreender, ao que dá pouca importância e não quer aprender ou, ainda, ao que não se sente estimulado a conhecer. Bobbio (1997) dá seu

depoimento sobre essa dificuldade de lidar com as mudanças na velhice, ressaltando que o mesmo ocorrera com seu pai.

Inventaram instrumentos maravilhosos para ajudar a memória, reduzir o tempo necessário à escrita, mas não sei utilizá-los, ou utilizo-os muito mal para deles extrair todos os possíveis benefícios. Meu pai já andava de bicicleta quando já haviam inventado o automóvel. Eu voltei a escrever com caneta tinteiro (com uma letra tão ilegível que deixo meus leitores desesperados). E, no entanto, sobre a escrivãzinha ao meu lado, vê-se um belíssimo computador. Diante dele fico intimidado. Ainda não consegui ter com ele a necessária intimidade para usá-lo com a desenvoltura com que outrora eu usava a máquina de escrever. (BOBBIO, 1997)

Nem toda desatualização se deve a um desejo pessoal de apartar-se do mundo ou a um sentimento de incapacidade. A **velhice cultural** é também uma consequência inevitável do momento histórico em que vivemos e do nosso modelo socioeconômico. Nas sociedades capitalistas da pós-modernidade, as transformações são cada vez mais rápidas. O avanço tecnológico parece ditar o ritmo acelerado das mudanças, não só dos aparelhos mas também dos costumes. Entre uma geração e outra, a ciência é capaz de estabelecer um abismo em termos de conhecimento. “Cada vez mais, o velho passa a ser aquele que não sabe em relação aos jovens que sabem [...]” - afirma Bobbio (1997).

Independentemente da idade, estamos todos sujeitos ao envelhecimento cultural. A velocidade em que se dão as novas descobertas, o volume dos conhecimentos já acumulados pela humanidade e o acesso desigual a eles favorecem essa *desintonização* cultural.

A **velhice social**, por sua vez, é outra construção baseada na estrutura socioeconômica e cultural de um povo. As sociedades que definem categorias de idade – infância, adolescência, idade adulta, velhice – e estabelecem seus respectivos papéis sociais, instituem o envelhecimento social. Bourdieu (1983), em seu texto “*Juventude*” é

*apenas uma palavra*, fala da arbitrariedade com que são definidas as fronteiras entre uma categoria e outra e do jogo de poder que elas encerram: “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma certa ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”.

A disputa por um lugar na sociedade é a disputa por poder. Por exemplo, aposentar-se aos 65 anos significa privar-se do *status* social e econômico positivo (MORAGAS, 1997). Na nossa sociedade, o fim da vida produtiva é um dos mais fortes marcos da velhice social. Outro, também bastante representativo, ocorre quando não se é mais o provedor do núcleo familiar: o velho deixa de ter dependentes e passa a ser dependente.

Que posição social caberia então aos nossos velhos? Na opinião de Ecléa Bosi (1994), eles atuariam como a memória da sociedade: “Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo; neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar”. Mas qual seria o *status* agregado a essa função nos dias de hoje?

A **velhice fisiológica**, por fim, é caracterizada pela degeneração dos órgãos do corpo. É a concepção em torno da qual, na maioria das vezes, se constrói um discurso negativo e pessimista sobre o que é ser velho. O corpo que pára de funcionar, o corpo que se torna lento, o corpo que deixa de ser flexível, o corpo que traduz a palavra "perda". Contra essa velhice, que nos impede de sermos imortais e eternamente jovens, lutam a medicina e a cosmetologia.

Como frutos desse combate à velhice fisiológica, temos o aumento da expectativa de vida – idade em que morreria um indivíduo comum, se não morresse por doença ou acidente – e uma certa qualidade de vida. Colhem os frutos, contudo, aqueles que podem. A velhice das camadas populares está longe de travar batalhas contra os efeitos do tempo.

Entretanto, tenhamos ou não condições para camuflar ou até mesmo retardar o processo biológico do envelhecimento, ainda não é possível evitá-lo. Bobbio (1997), filosofando a partir de sua “velhice melancólica” – classificação feita por ele –, escreveu: “Das crises de velhice psicológica podemos nos recuperar. Mas difícil é nos recuperarmos do envelhecimento biológico, mesmo que hoje a medicina e a cirurgia façam milagres.”

Por mais conceitos de velhice que os estudiosos possam criar, é improvável que estes consigam abarcar a concepção de velhice dos 95 milhões de pessoas com mais de 60 anos.<sup>1</sup> Bourdieu (1983) afirmou: “[...] é por um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito universos sociais que praticamente não possuem nada em comum”.

A quantidade e a diversidade da população idosa, erroneamente tratada como um grupo homogêneo, exigiria que desdobrássemos cada uma das concepções aqui descritas a partir de categorias como o gênero, a raça, a condição econômica, o contexto e o período histórico.

A velhice masculina, por exemplo, é diferente da velhice feminina em vários aspectos. Cronologicamente a mulher tende a viver mais e, socialmente, a mulher idosa de hoje tende a viver a velhice como um momento de libertação da repressão masculina

---

<sup>1</sup> Estimativa para o ano de 2025, na América Latina, segundo o relatório da V Conferência Internacional de Educação das Pessoas Adultas, realizada em Hamburgo, Alemanha, em 1997.

dos tempos de outrora. Já o homem velho, com a perda do *status* de pertencer à população economicamente ativa, vive mais intensamente o envelhecimento social. Em breve, quando as mulheres ativas de agora atingirem a velhice, teremos um grande número de mulheres passando pela experiência da aposentadoria, ou seja, perdendo um valor social que antes apenas os homens perdiam.

A situação socioeconômica dos idosos, como já disse, também traz implicações para a velhice. Anita Liberalesso Néri (2005), professora titular da Unicamp, com vasta produção acadêmica sobre o envelhecimento, afirma:

Nós temos uma população idosa empobrecida em sua maior parte e que não teve acesso a esses serviços básicos ao longo de seu ciclo vital. As pessoas que ultrapassaram a mortalidade vão chegando a contingentes cada vez mais numerosos na velhice. Mas são populações muito pobres, deseducadas, portadoras de doenças crônicas, que custam muito para o sistema de saúde, que custam muito para um sistema social. (NERI, 2005)

Trata-se de um fenômeno mais complexo do que esperávamos. Parece que seguiremos nos perguntando “o que é ser velho?” ou “o que é a velhice?”, conscientes, entretanto, das limitações de nossas respostas que homogeneízam, que fazem generalizações ou que estão fechadas em si mesmas. “Não existe uma resposta única, porque o próprio fenômeno da velhice tem múltiplos significados, contextualizados por fatores individuais, interindividuais, grupais e socioculturais”. (NERI, 1991).

Nessa construção e reconstrução de respostas para explicar o envelhecimento, quero frisar a importância de contarmos com a participação dos cidadãos mais velhos para que sejam contempladas as várias realidades de velhice sob o olhar de quem a está vivendo.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

# 1 QUE CONCEITO DE VELHICE ESTÁ PRESENTE NO GRUPO CONVIVÊNCIA?

“O idoso é uma invenção social emergente da dinâmica demográfica, do modo de produção, da estrutura social vigente, das ideologias dominantes, dos valores e culturas preponderantes” (OLIVEIRA, R., 1999). Isso significa que há muitas formas de conceber a velhice, diferentes não apenas entre um momento histórico e outro, mas também entre uma sociedade e outra, entre um grupo e outro e entre uma pessoa e outra.

Ouso dizer, ainda, que dentro de uma mesma pessoa podem coexistir diferentes e contraditórias concepções de velhice. Foi Geroliza, a senhora que deu origem ao Grupo Convivência, quem me fez atentar para esse fato. Durante sua entrevista, contou-me sobre a vida agitada que leva hoje, sobre como superou a depressão participando do Grupo e sobre sua vontade de aprender tudo o que não sabe. Deu-me diversas provas de que havia sido influenciada pela visão positiva de Dona Dochinha sobre o processo de envelhecimento. Ao definir, contudo, o envelhecer, faz um discurso basicamente negativo, enfocando apenas as perdas

Eu acho que envelhecer... a pessoa não devia de ficar velha não. [...] Envelhecer eu não acho bom, não. Não tenho achado bom nada. A gente perde o tato, a gente perde as forças, a gente perde o olfato, a gente perde a cabeça, a idéia fica ruim, isso tudo eu, hoje, tô vendo que está acontecendo comigo... a gente perde o equilíbrio, eu caio à toa. [...] Isso tudo eu falo: gente, se a gente não fosse velho, se a gente morresse mais novo era mió. Porque a gente fica uma pessoa meio desgostoso, ocê num tem uma... ninguém mais tem papo pra você, cê tá aí, no meio de uma reunião de gente, aí todo mundo tá batendo papo, não tem um filho de Deus que bate um papo com a gente. Cê presta atenção se é ou se num é, se o velho não fica lá prum lado. Então, eu não acho coisa boa ficar velho, não. Eu graças a Deus não tenho muito do que queixar, porque, graças a Deus, saúde eu tenho. [...] Você fica uma pessoa meio inutilizado. [...] Eu não sou gente de destampar uma garrafa de refrigerante, você acredita? [...] Eu escuto muito bem, mas não... tem hora que eu não entendo. [...] Muitas coisas eu tenho vontade de aprender [...] mas na hora eu penso assim: gente, já tá na hora de morrer, pra que fazer isso, pra que mexer com isso. Passou dos oitenta anos você espera qualquer hora...”

Ora, o que podemos entender desse discurso, senão que a velhice tem também aspectos negativos e que há um exagero em chamá-la de *melhor idade*. As vantagens e possibilidades dessa etapa da vida não eliminam suas desvantagens e limitações. É possível que Norberto Bobbio (1997), ao condenar a velhice, tenha feito um esforço em relatar apenas seus aspectos negativos para desconstruir esse discurso de que a velhice é totalmente maravilhosa, discurso este que fora criado para combater o anterior, que pregava a velhice não passar de uma tragédia. Oscilamos entre exaltá-la e negá-la, entre defendê-la e condená-la. “Nada se revela mais flutuante do que os contornos da velhice, que é um complexo fisiológico, psicológico e social” – disse George Minois (1999). E, se dentro de uma pessoa podem coexistir vários conceitos de velhice, dentro de um grupo essa possibilidade se multiplica.

Quando o Grupo Convivência estabelece que atenderá a idosos e considera-os como sendo as pessoas com mais de 60 anos, baseia-se no conceito de *velhice social*, ou seja, no uso da idade cronológica como identificador do estágio da vida em que o sujeito se encontra. Quando aceita pessoas entre 50 e 60 anos, porque estas se sentem velhas, está lidando com o conceito de *velhice psicológica*. Quando ajusta o tipo de trabalho ao idoso que o realizará, porque este já apresenta traços de declínio da saúde do corpo, está considerando a *velhice fisiológica*. Quando me indicavam a artesã ou a descascadeira de alho mais velha, indicavam-me a que tinha mais anos de vida em relação às outras, ou seja, utilizavam os parâmetros da *velhice cronológica*.

No entanto, ainda que o Grupo Convivência disponha dos vários conceitos de velhice, não é em nenhum deles que está embasada a filosofia do projeto, mas na atitude do sujeito perante a velhice. Agir de maneira otimista diante da velhice significa para

Dona Dochinha enfocar os aspectos positivos do envelhecimento e aceitar os negativos. Não se trata de classificar a velhice como boa ou ruim, nem de buscar semelhanças com a juventude, mas de explorar as potencialidades do ser humano, tal como fazemos nas demais fases da vida.

Dentro do Grupo Convivência, não há, além de Dona Dochinha, outra pessoa que tenha, de forma tão internalizada, a atitude positiva que transforma a velhice numa seqüência harmoniosa da vida, num processo natural de mudança. Não é fácil para os coordenadores e os funcionários do projeto, que muitas vezes ainda não são idosos, superar o olhar negativo, a atitude pessimista e estereotipada em relação ao velho. Há expectativas inadequadas por parte deles. Ora se esquecem das limitações que a velhice carrega consigo e dizem “Elas são lentas demais”, ora só vêem as limitações e pressupõem “Elas não dão conta”.

As idosas participantes do projeto também sentem dificuldade em manter-se positivas em relação à velhice. A atitude otimista construída pelo Grupo Convivência, através de suas ações educativas, sofre constantes ameaças internas e externas. Muitas idosas se cansam das próprias restrições físicas e só fazem queixar-se sobre suas incapacidades. Outras são ridicularizadas pela família ou pela sociedade e se vêem negativamente influenciadas, desmotivando-se. Daí a importância de um trabalho educativo permanente, que lhes possibilite elaborar os conceitos de velhice e cultivar a atitude positiva.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## CONCLUSÕES

Está iniciando uma nova fase da história mundial: o envelhecimento global (SCHIRRMACHER, 2005). Todos já vivenciamos a juventude, mas a velhice é tão recente em nossa cultura que apenas é conhecida por uma minoria. Agora, caminhamos de maneira vertiginosa para esse extremo com o aumento da expectativa de vida<sup>1</sup> e a queda dos índices de natalidade<sup>2</sup> e mortalidade<sup>3</sup>. Em breve, quer dizer, em aproximadamente 50 anos, veremos o número de idosos ultrapassar o número de jovens. No Brasil, em 2025, o número de pessoas com mais de 60 anos – 15,1% – se aproximará do número de crianças entre 0 e 14 anos de idade – 22,9% –, tornando-se o sexto país do mundo em população idosa<sup>4</sup>. É cada vez mais comum ter notícia de pessoas que ultrapassaram a marca dos 100 anos e os avanços científicos são apontados como um dos grandes responsáveis por essa longevidade.

A metamorfose da estrutura social vai acontecendo quase silenciosamente, uma vez que os governos subestimam o problema do envelhecimento populacional, reduzindo-o a problemas previdenciários. As pesquisas mais recentes, no entanto, já apontam que, “porque estamos despreparados, vamos passar no futuro imediato por uma crise não só política e econômica, mas também de ordem mental. [...] As falsas concepções sobre a velhice são tão mortais quanto todos os racismos que fazem as pessoas se sentirem inferiores” (SCHIRRMACHER, 2005)

---

<sup>1</sup> Segundo dados do IBGE-2005, a esperança de vida geral do brasileiro é de 68 anos; para as mulheres, 72 anos e para os homens, 65 anos. Esse índice vem aumentando desde 1920.

<sup>2</sup> Segundo dados do IBGE-2005, no Brasil, a taxa de natalidade está em queda desde 1970, juntamente com a taxa de fecundidade que baixou dos 5,8 filhos por mulher para 2,3 em 2000.

<sup>3</sup> Segundo dados do IBGE-2005, a taxa de mortalidade total no Brasil apresentou grande declínio de 1950 a 1970, e desde então vem sofrendo pequenas reduções.

<sup>4</sup> ONU 1999 e IBGE

Dentre as causas de discriminação do idoso – denominado *ageism* pela literatura internacional especializada –, está o culto exacerbado à juventude, a economia baseada na alta produtividade e uma cultura que se renova constantemente. Se essa realidade perversa, na qual hoje se dá o envelhecimento, perdura, qual será o futuro de uma sociedade majoritariamente velha? Na história da humanidade não nos faltam provas do poder de destruição do preconceito. “Em vista de tal crescimento do número de idosos, a sociedade mais bem-sucedida será aquela cujas convicções religiosas e culturais conseguirem conceber a velhice de maneira criativa” (SCHIRRMACHER, 2005).

De acordo com a literatura consultada, fica evidente o consenso no que diz respeito à necessidade vital de *reinvenção da velhice*<sup>5</sup>. Nossa atual estrutura social, econômica, cultural e mental não previa nem tantos velhos, nem velhos por tanto tempo, nem velhos tão saudáveis. Desencadeia-se então um processo de revisão da velhice como sinônimo de etapa final, espera da morte, fase da decadência física e conseqüentemente das doenças, etapa não produtiva subvencionada pela aposentadoria, idade do exílio social e estorvo familiar. Essa desconstrução do que entendíamos por velhice gera assim um vazio, um espaço a ser preenchido por outros paradigmas. E quais são esses paradigmas?

A *velhice ativa* surge como uma tentativa de estabelecer novos parâmetros. Não precisaríamos mais evitar a velhice, porque, como as outras fases da vida, ela também pode ser ativa. A amplitude do adjetivo *ativo(a)*, entretanto, dá margem a inúmeras interpretações, revelando interesses de toda ordem. O velho ativo pode ser aquele que pratica atividades físicas, aquele que faz trabalhos voluntários, aquele que adia a

---

<sup>5</sup> Termo usado por Guita Grin Debert

aposentadoria, aquele que mesmo aposentado trabalha e contribui, aquele que consome, aquele que se dedica ao lazer, aquele que é fisicamente saudável, etc.

Seja qual for o entendimento de *velhice*, ele não é neutro, nem imparcial, e nem tão abrangente quanto pretende. Atrelado a cada concepção de envelhecimento está um conjunto de valores baseados em todas as influências recebidas ao longo do tempo. Basta ver como cada cultura atua de forma diferente em relação à velhice para concluir que ela é fruto de um processo individual e coletivo de aprendizagem.

E o que temos aprendido sobre o ser humano envelhecido na sociedade brasileira? A antiga lição permanece: tema a velhice! Seu corpo ficará lento, fraco e enfermo, sua mente já não funcionará bem, você será um peso para a família e dará despesas para o Estado. Aprendemos a temer e a evitar a “terrível” velhice.

A lição predominantemente oriental de velhice rica em virtudes também passeia pelo cenário brasileiro. Os velhos são sábios, são experientes, são bons, são pacientes, são dóceis. Aprendemos a idealizar e a reverenciar a “honrosa” velhice.

A mais nova lição, a de velhice ativa, mostra-nos a velhice como sendo a melhor idade. Uma fase incrivelmente alegre, de um divertimento comparável à infância. E, semelhantes às crianças inocentes, muitos velhos vão-se iludindo com viagens, atividades de lazer, produtos e até cartões de crédito da terceira idade. Aprendemos a infantilizar e a fantasiar a “lúdica” velhice.

A mesma lição de velhice ativa mostra-nos a velhice que tem utilidade. Os velhos que não se aposentam, os aposentados que voltam a trabalhar, os voluntários de idade, são todos úteis como as ferramentas, como as coisas. Ignoram o alerta de Rubem Alves

(2001): “As coisas úteis, quando velhas, ficam inúteis. Inúteis, são jogadas fora.”. Aprendemos a valorizar e a exaltar a “produtiva” velhice.

Na falta de uma educação gerontológica esclarecedora, reflexiva e crítica, o envelhecimento vai-se construindo com base em estereótipos. A velhice é isso ou aquilo. Não concebemos a idéia de ela ser terrível, sábia, lúdica e produtiva. Não há espaço para a multiplicidade. E um conceito que não abarca as diferenças torna-se instrumento de discriminação. Semeia crise de identidade, baixa auto-estima, sentimento de inadequação, de culpa, de exclusão, de revolta, de incompreensão.

Uma ampla conscientização sobre o envelhecimento, dentro de uma política de reeducação social da pessoa idosa e em relação a ela, nos ajudaria a conceber esse processo como um fenômeno complexo. A falta de conhecimentos de gerontologia impede-nos de enxergar a multiplicidade da velhice e representa um limite para a transformação cultural e social.

Em sintonia com o pensamento de Paulo Freire (1996), acredito na educação gerontológica que promova a autonomia do idoso e sua *criticidade*; que o conscientize de que “onde há vida, há inacabamento”, que desvele a ideologia subjacente a cada conceito de velhice; que possibilite ao idoso atribuir um sentido por ele construído a essa etapa da existência, ainda que os valores sociais estejam ligados ao corpo, à ciência e ao mercado, ou seja, acredito na educação gerontológica como sinônimo de libertação e intervenção no mundo.

Avalio o Grupo Convivência como um espaço privilegiado de educação gerontológica. Sob o comando da educadora Alexandrina de Souza Dayrell, a aprendizagem sobre o envelhecimento vai acontecendo na convivência entre idosas, no

dia-a-dia das atividades laborais e de lazer. Esse projeto social guarda ainda um grande potencial a ser explorado. A ação educativa idealizada encontra limites na forma de estruturação do grupo. Não deixa, contudo, de ser um excelente exemplo: pela sua ousadia de retirar o foco de atenção das perdas da velhice e apostar nas habilidades e potencialidades das idosas; pela sua criatividade em propor atividades laborais e ajustá-las à realidade de cada um; pelo seu compromisso social em promover idosas de baixa renda; e pela sua perseverança diante de dificuldades financeiras, organizacionais e culturais.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)

## **DE QUE FORMA O GRUPO CONVIVÊNCIA SE DESENVOLVEU?**

Nos primeiros anos, o Grupo Convivência existiu de maneira improvisada nas instalações da casa de Dona Dochinha. Nessa época, o número de idosas beneficiadas chegou a cinquenta. Cada nova integrante do Grupo era avaliada por Dona Dochinha em suas habilidades e gostos, através de uma conversa informal, para então ser encaminhada a uma das atividades. Se fosse necessário criar uma nova função para atender à demanda, não eram medidos os esforços. Do pão integral, que foi a primeira produção, veio a maionese de leite de soja, os salgados integrais, as balas de mel, uma horta orgânica, o tempero de alho, o pano de prato com bico de crochê, o papel reciclado, os tapetes de retalhos de malha.

O aumento do número de beneficiadas gerou a necessidade de ampliar o projeto. Bateram de porta em porta em empresas, escritórios e consultórios para conseguir ajuda financeira de pessoa física ou jurídica. Durante algum tempo, amigos de Dona Dochinha e aqueles que, ao conhecerem o Grupo Convivência, se solidarizavam com o trabalho contribuíaam por meio de boleto bancário. O sustento do grupo dependia das doações, pois a comercialização dos produtos ainda não era capaz de cobrir as despesas.

Era vital encontrar uma forma de garantir um financiamento seguro, com o qual pudessem contar sempre. Em 1987, com um ano de existência, o Grupo Convivência firmou um convênio com a Legião Brasileira de Assistência - LBA, criada em 1942 por Getúlio Vargas, extinta e substituída pela Comunidade Solidária, em 1995, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. Através desse convênio, o Grupo recebe até hoje uma verba proporcional ao número de beneficiados, que atende a uma pequena parte dos gastos com alimentação, pagamento de pessoal e materiais para as oficinas. Nesses quase

20 anos como associação sem fins lucrativos, essa é a única verba fixa e continuada – que nunca sofreu reajustes – que ela recebe.

Como reconhecimento de que a entidade presta relevantes serviços à comunidade, o Grupo Convivência recebeu o Título de Utilidade Pública dos três poderes: o Municipal, em 18 de outubro de 1988; o Estadual, em 30 de outubro de 1991; e o Federal, em 26 de outubro de 1999. Esses títulos são exigidos quando se entra com um pedido de isenção de contribuições sociais como, por exemplo, a cota patronal, que é a contribuição social de 20% sobre a folha de salários da entidade. Também são pré-requisitos para receber verba pública das três instâncias.

Em 22 de novembro de 1995, o Grupo foi registrado no Conselho Nacional de Assistência Social -CNAS. Recebeu o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social -CEBAS, em 23 de outubro de 1998, ficando assim habilitado a comprovar a sua condição filantrópica perante a sociedade civil e o governo. O Grupo também fora inscrito no Conselho Municipal de Assistência Social -CMAS e no Conselho Estadual de Assistência Social -CEAS, com os mesmos objetivos.

No caso de pedido de benefícios – isenção de contribuições sociais e imunidade tributária – concedidos pelo poder público federal, estadual ou municipal e também para que a entidade possa receber subvenções e firmar convênios com esses poderes, essas inscrições e o certificado de filantropia se fazem necessários. É sabido, contudo, que a documentação não garante a obtenção de verba pública, é apenas um pré-requisito para pleiteá-las por meio de um processo burocrático e, às vezes, demorado.

Nos registros do Grupo, tomei conhecimento da concessão de uma subvenção social em dezembro de 1995 e outra em dezembro de 2004. Além dessas, em 1999, o

deputado federal Márcio Reinaldo conseguiu uma verba de R\$ 50.000,00 para a construção da sede própria do Grupo Convivência, através do Ministério da Promoção e Assistência Social. A Prefeitura de Sete Lagoas em contrapartida arcou com R\$23.945,14.

Ao longo de sua larga trajetória, quando o Grupo se via sem recursos, buscava formas alternativas de arrecadação de dinheiro: feijoadas, bailes, bingos, rifas, carnês de doação, jantares. Por mais de uma vez, organizou-se uma festa beneficente chamada Festa da Família, que rendia em média R\$3.000,00.

A propaganda e os concursos foram outra maneira de buscar financiamento para a sua causa. Em 1995, Dona Dochinha foi personagem central do programa “Gente que Faz”, realizado pelo Banco Bamerindus e transmitido para todo o Brasil pela Rede Globo de Televisão. Deu várias entrevistas para a televisão local e jornais de Sete Lagoas. Graças a uma dessas aparições na televisão, por exemplo, o Grupo Convivência foi presenteado por um espectador solidário com o terreno que hoje acomoda a sede. Além disso, venceu em primeiro lugar o Prêmio Banco Real de Talentos da Maturidade no valor de R\$15.000,00.

Através da apresentação de projetos, o Grupo Convivência conseguiu duas importantes ajudas financeiras. Durante 18 meses, entre 2002 e 2004, o Grupo manteve uma parceria com a organização espanhola Trabalhadores Sociais Sem Fronteiras, por intermédio de sua presidenta, Rosana de Matos Silveira Santos, assistente social amiga de Dona Dochinha. Essa ONG conseguiu recursos do *Centro de Iniciativas de Cooperación al Desarrollo de la Universidad de Granada* – CICODE, para a construção da fábrica de

tempero do Grupo Convivência. Em 2002, a fábrica foi reformada pela Siderúrgica Paulino Ltda - SIDERPA, de Sete Lagoas/MG.

Também, em outubro de 2004, houve outro projeto aprovado, dessa vez pela Cáritas Brasileira, organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil -CNBB, que lhe rendeu R\$20.000,00. O dinheiro foi destinado à compra de matéria-prima para as oficinas, equipamentos e pagamento de pessoal.

Em 1995, o Grupo Convivência inaugurou a Pousada do Idoso, um asilo para idosos acamados, em fase terminal, que necessitavam de cuidados especiais constantes. Esse serviço, no entanto, não era gratuito e era dirigido a idosos cujas famílias tinham boa condição financeira. Com a taxa mensal que essas famílias pagariam, Dona Dochinha pretendia custear parte dos gastos das outras atividades do Grupo. Não foi, entretanto, um empreendimento bem sucedido, pela sua difícil administração prática e emocional.

A mais recente tentativa de criar um negócio, que possa cobrir as despesas desse projeto social, foi o novo restaurante de comida natural, *Vida Saudável*. Cliente do antigo restaurante, José Raimundo Santos, agradecido por uma melhora em sua saúde, em função da alimentação natural, convocou amigos empresários de siderúrgicas locais para alugar e reformar a casa que hoje sedia o restaurante. O Grupo Convivência está apostando nessa iniciativa como uma forma de manter-se sem depender de ajudas externas. Inaugurado em 25 de janeiro de 2005, o restaurante serve cerca de 60 refeições diárias, mas ainda está em déficit. A estimativa é de que com 100 refeições alcançaria o ponto de equilíbrio em suas contas e, com 200, bancaria todas as atividades do Grupo.

[Voltar ao texto central](#)

[Voltar ao índice](#)